

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
DE ALGUNS ESTÁDIOS BRASILEIROS

Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro
2005

A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
DE ALGUNS ESTÁDIOS BRASILEIROS

Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: José Sergio Leite Lopes
Doutor em Antropologia Social

Rio de Janeiro
2005

A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros

Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada por:

Prof José Sérgio Leite Lopes - Orientador

Prof. Lygia Sigaud

Prof. Marcos Alvito

Rio de Janeiro
2005

HOLZMEISTER, Antonio.

A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros/ Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz. – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005.

ix, 114 p.:30cm.

Orientador: José Sergio Leite Lopes

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Museu Nacional/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2005.

Referências Bibliográficas: f. 111 - 114

1. Antropologia do futebol 2. Futebol 3. Estádios de futebol 4. Futebol - economia. I. LEITE LOPES, José Sergio. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. III. Título.

A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
DE ALGUNS ESTÁDIOS BRASILEIROS

Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz

Orientador: José Sergio Leite Lopes

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Esta dissertação procura compreender as transformações ocorridas nos estádios de futebol desde a codificação de suas regras em 1863. Se naquela época não existiam regulamentações versando sobre o espaço onde o jogo acontecia, nem uma separação clara entre jogadores e torcedores, hoje em dia verificamos a existência de arenas supermodernas com arquibancadas compartimentalizadas oferecendo conforto e oportunidades de consumo para os torcedores. A partir da análise das transformações ocorridas nos estádios, procura-se mostrar que, no futebol moderno, convertido em mercadoria e regido pela lógica de mercado, os mesmos assumem uma importância central para seus clubes, no sentido de proporcionarem um palco onde a partida de futebol é somente mais um dos produtos em oferta a serem consumidos. Da mesma forma, procurou-se mostrar que a nova concepção de estádios pressupõe a formação de um novo tipo de torcida, neutra, pacificada e constantemente vigiada, convertida em consumidora.

Rio de Janeiro
2005

A NOVA ECONOMIA DO FUTEBOL:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO
DE ALGUNS ESTÁDIOS BRASILEIROS

Antonio Holzmeister Oswaldo Cruz

Orientador: José Sergio Leite Lopes

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Abstract

The main purpose of the present dissertation is to comprehend the changes experienced on football stadiums since the codification of its rules in 1863. If at that time there were no regulations about the space where the game took place, nor a clear separation between players and supporters, today it is commonplace to see ultra-modern football arenas and all-seater stadiums, offering comfort and opportunities for consumerism for the spectators. Through the analysis of the changes that took place inside the stadiums, it is attempted to show that, in modern football, ruled by the logics of the market, the former assume a central role for its owners, in a way which the football spectacle is only another product being offered for the consumer. Likewise, it is attempted to demonstrate that the modern conceptualization of the stadiums presuppose the formation of a new mode of supporter, neutral, pacified, constantly under surveillance, now converted to consumer and consumerism.

Rio de Janeiro
2005

Agradecimentos

Nenhuma pesquisa acadêmica é desenvolvida sem a ajuda de algumas pessoas, seja na introdução do pesquisador ao tema, seja no momento da pesquisa, seja na redação. Gostaria, portanto, de agradecer as seguintes pessoas:

Os membros da banca examinadora, que aceitaram dela fazer parte. A professora Lygia Sigaud, pelas aulas que ajudaram em muito a entender a antropologia e ao professor Marcos Alvito, cujo curso sobre esporte e processo civilizador foi fundamental para se pensar esta dissertação, e pela introdução ao mundo do Rugby. Ao orientador José Sérgio, só tenho a agradecer. Em primeiro lugar, por ter me aceitado como orientando e por sempre ter estimulado a pesquisa sobre futebol e pelas sugestões ao longo da pesquisa, assim como pelos livros emprestados.

Agradeço também a todo corpo docente do Museu Nacional, por oferecer um ambiente tranquilo e acolhedor para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, em especial aos professores com quem tive a oportunidade de completar os créditos necessários ou simplesmente por aceitarem ouvintes em seus cursos: os professores Luiz Fernando, Gilberto Velho, Otávio Velho, Márcio Goldman, Eduardo Viveiros de Castro e Giralda Seyfert. Os agradecimentos são extensivos às funcionárias da biblioteca, sempre solícitas e simpáticas no atendimento.

Os colegas do mestrado, especialmente o Ypuan, por terem, com seu bom humor e amizade, feito estes dois anos de mestrado muito prazerosos. Agradeço também todos os amigos de longa data, que vêm acompanhando a vida acadêmica desde a graduação em história, especialmente o Scovino e Zazá, pelos scanners, pela paciência e pela amizade duradoura, e o pessoal do projeto Itacoatiara Neurótica 2004 que, junto com o amigo eterno Gustavo, com suas noitadas de vídeo-game, ajudaram em muito, quando uma pausa para o relaxamento se fazia necessária.

Por fim, agradeço a Lilian, o Maurício e o João e acima de tudo, a Luciana, companheira carinhosa e “culpada” por ter me aventurado no mundo da pesquisa sobre futebol e por ter dado o empurrão necessário tanto para o início quanto para o término da redação. Agradeço também o Botafogo, por não ter sido rebaixado mais uma vez.

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1: Do <i>folk football</i> ao esporte codificado	18
1.1: O desenvolvimento dos estádios de futebol no Reino Unido	25
1.2: O desastre de Hillsbrough e a modernização dos estádios ingleses	35
Capítulo 2: A construção dos estádios e da nação no Brasil	46
2.1: A construção dos estádios de São Januário e Pacaembu e sua utilização pelo governo varguista	51
2.2: O Maracanã, “coração do Brasil”	61
Capítulo 3: A nova economia do futebol ou o futebol como mercadoria	67
3.1 Análise de alguns casos no Brasil: as reformas no Maracanã, no Caio Martins e na Arena da Baixada	82
3.1.1 O estádio do Maracanã	85
3.1.2 O estádio de Caio Martins	89
3.1.3 A Arena da Baixada	93
3.2 Novos estádios, novos torcedores	98
Considerações finais	103
Apêndices	106

Referências bibliográficas	111
----------------------------	-----

Índice de figuras

Figura 1: Partida de futebol em Cambridge	24
Figura 2: Partida de futebol, 1892	25
Figura 3: Brisbane Road	28
Figura 4: Craven Cottage	35
Figura 5: Craven Cottage, Stevenage Road Stand	35
Figura 6: Craven Cottage, The Putney End	40
Figura 7: Craven Cottage, The Putney End, após as reformas	40
Figura 8: Things you don't see at football anymore	41
Figura 9: White Hart Lane	45
Figura 10: Laranjeiras, 1919	49
Figura 11: Torcedores	50
Figura 13: São Januário	54
Figura 14: Comemorações do 7 de setembro em São Januário	55
Figura 15: Campo do Botafogo no Humaitá	57
Figura 16: Estádio de General Severiano, 1938	57
Figura 17: O estádio do Pacaembu, 1940	60
Figura 18: O estádio do Maracanã	62
Figura 19: Maracanã, tomado por torcedores	63
Figura 20: Camarotes executivos, Elland Road	72
Figura 21: Camarotes executivos, Highbury Park	72
Figura 22: Acesso aos camarotes executivos, estádio La Beaujoire	72
Figura 23: Praças de alimentação e lojas de conveniência, Stamford Bridge	75
Figura 24: Praças de alimentação e lojas de conveniência, Elland Road	75
Figura 25: Praças de alimentação e lojas de conveniência, St. Jame's Park	75
Figura 26: Emirates Stadium	76

Figura 27: BTCellnet Stadium	76
Figura 28: The Dyson Hotwork Stand	76
Figura 29: Lurpak Stand, Elland Road	76
Figura 30: Estádio de Wembley	78
Figura 31: Demolição das “torres gêmeas”	78
Figura 31: Maracanã, visão dos setores	84
Figuras 32 e 33: Estádio do Maracanã, setores brancos, verdes e amarelos	87
Figura 34: Turistas nas cadeiras brancas do Maracanã	87
Figura 35: As gerais do Maracanã	88
Figura 36: Maquete da proposta para remodelação do Maracanã	89
Figura 37: Caio Martins, arquibancada das cadeiras “VIP”	90
Figura 38: Caio Martins, assento reservado	91
Figura 39: Caio Martins, camarotes executivos	92
Figura 40: Caio Martins, arquibancadas tubulares	93
Figura 41: Arena da Baixada, camarotes executivos	95
Figura 42: Arena da Baixada, assentos do setor VIP	95
Figura 43: Arena da Baixada, cadeiras personalizadas	95
Figura 44: Arena da Baixada, câmara de vigilância	96
Figura 45: Stade Sclessin, Liège, Bélgica	97
Figura 46: Arena da Baixada, Curitiba, Brasil	97
Figura 47: Setorização da Arena da Baixada	98
Figura 49: Keep off	102

Introdução

Desde que as regras do *Association Football* foram codificadas, no ano de 1863 na Inglaterra, o futebol sofreu poucas alterações em suas regras e regulamentação. O mesmo, porém, não ocorre com a dinâmica do jogo. As variações e experimentações táticas foram inúmeras. Nos primórdios do jogo imperava a tática do “chutar e correr”, passando pelo “*dribbling game*” inglês, quando as equipes atacavam em massa, a bola sendo carregada por um único jogador, que tentavam dribles sucessivos até chegar ao ataque. Um primeiro desenvolvimento tático parece ter sido o “*passing game*” escocês, muito mais coletivo e criado quase como uma vontade de se diferenciar do estilo inglês. Uma sofisticação maior foi implementada pelo legendário treinador Herbert Chapman, do Arsenal da década de 1920, que propôs o sistema WM. Na década de 1950 surgiu o avassalador 4-2-4 do Brasil, que conquistou a Copa de 58 confiando no seu poderoso ataque, que impôs inúmeras goleadas a seus adversários. Na década de 1960 reinou o eficiente, porém rígido, 4-4-2 inglês, que deu aos inventores do jogo o título da Copa de 66. O tradicional e defensivo *catenaccio* italiano foi um desdobramento da inovação inglesa, e é a base sobre a qual a maioria das equipes italianas se organiza até hoje. Muitas foram, enfim, as variações técnicas, físicas e táticas experimentadas ao longo destes 150 anos de *Association Football*.

O mesmo pode-se dizer do lugar onde o jogo acontece. Desde os relvados sem limitações precisas até os ultra-modernos estádios da atualidade, as alterações foram significativas, com sensíveis mudanças tanto para jogadores e equipes quanto para aqueles que possam ter algum interesse em assistir um embate ao vivo. Se nos primórdios do jogo codificado a platéia era esparsa e assistia ao jogo da beira do gramado, hoje em dia

verificamos estádios sofisticadíssimos, com múltiplos usos e marcante compartimentalização da platéia.

A presente dissertação tem por objetivo investigar as mudanças que estão ocorrendo atualmente nos estádios brasileiros. Para tanto, foram visitados alguns estádios de futebol ao longo do último ano, durante a disputa do Campeonato Brasileiro de 2004. Foram escolhidos os estádios do Maracanã, principal palco futebolístico do Brasil e que recentemente sofreu reformas significativas, apesar de ser constantemente ameaçado de demolição pelas autoridades futebolísticas do país; o estádio Caio Martins do Botafogo Futebol e Regatas, usado por este clube em seus jogos do Campeonato Brasileiro, parcialmente reformado em 2003; e o Estádio Joaquim Américo, pertencente ao Clube Atlético Paranaense, de Curitiba, inaugurado em 1999 e reputado por muitos como o estádio mais moderno não só do Brasil, mas de toda América Latina. Tais estádios foram escolhidos em função das reformas que sofreram (o antigo Joaquim Américo foi totalmente demolido para dar lugar ao novo), reformas que, ao que tudo indica, tiveram conseqüências marcantes para os espectadores que os utilizam. A presente dissertação versará, portanto, sobre as alterações estruturais ocorridas nestes estádios e seus reflexos na torcida e no modo de esta participar do espetáculo futebolístico.

Estas reformas aconteceram, no Brasil, no bojo da “modernização” do futebol, um processo que começou em meados da década de 1990 e que nos parece ser uma faceta da inserção do futebol brasileiro no esquema de trocas comerciais capitalistas. Este novo modelo, de gestão empresarial dos clubes brasileiros, é posto como a solução para a crise estrutural e econômica pela qual passa a maior parte dos clubes brasileiros. A causa desta crise é creditada à gestão amadora e extremamente personalista que tradicionalmente

conduziu os times brasileiros, e que tem suas raízes nas relações entre dirigentes, torcedores e jogadores surgidas ainda durante a época do amadorismo no futebol. Com a entrada do futebol no campo dos negócios, os clubes estão contratando novos dirigentes egressos dos quadros da economia e do marketing para ocupar cargos importantes dentro deles. Para estes novos dirigentes, o departamento de marketing do clube é tão importante quanto os departamentos esportivos propriamente ditos. Esses novos profissionais perceberam que um dos meios mais eficientes para um clube tornar-se independente financeiramente e arrecadar fundos provenientes da propaganda e do marketing é justamente a construção de arenas ultra-modernas polivalentes, que facilitariam a entrada de divisas no clube não só através da venda direta de ingressos em dias de jogos ou por esquemas de carnês por temporada, mas também pela exploração da arena, seja em seu uso diversificado – como palco de shows, feiras, convenções, etc... – seja pela exploração comercial do entorno e interior da estrutura – estacionamento, lojas, centros comerciais, restaurantes e museus esportivos.

* * *

Dentro do campo da antropologia, podemos colocar o esporte, com segurança, à margem dos temas clássicos abordados. Temas, ou instituições, como o parentesco, a religião, o sistema de trocas, os ritos, a ecologia, a lingüística e a família, entre muitos outros, dominaram a atenção dos antropólogos desde o século XIX. À exceção de Marcel Mauss, que ao investigar as potencialidades e o rendimento teórico sobre o estudo das técnicas de adestramento corporal, foi levado a investigar a técnica corporal da *natação*

(Mauss, 2003), poucos foram os antropólogos de renome a voltar sua atenção para a prática desportiva de um grupo ou nação. Parece que a preocupação sobre o esporte chamava mais a atenção dos historiadores e sociólogos, como atesta a publicação do livro *Homo Ludens*, em 1938, por Johan Huizinga; os ensaios de Bourdieu nas décadas de 1980 e 1990 (“Como é possível ser esportivo?”, 1983; “Programa para uma sociologia do esporte”, 1990; “Os jogos olímpicos: programa para uma análise”, 1997¹); e o livro de Norbert Elias, em parceria com Eric Dunning, *Quest for excitement*, editado pela primeira vez na Inglaterra em 1986, que trouxe a novidade de não separar de forma dicotômica as noções de *jogo* e *esporte*, algo verificado nos autores citados anteriormente (Toledo, 2001, p.52).

A contribuição de Elias, na verdade, foi muito mais além do que uma teoria do jogo na sociedade industrial européia. Nascido na Alemanha em 1897, na cidade de Breslau, após estudos prévios em medicina e filosofia, Elias preparou seu doutorado sob a orientação de Alfred Weber, e foi professor assistente de Karl Mannheim na Universidade de Frankfurt, na cadeira de sociologia. Em 1933, face à ascensão do governo nazista na Alemanha, Elias refugia-se na França, onde fica por um ano, sem conseguir posição alguma na academia francesa. Cansado de tentar alguma posição em França, Elias rumou para a Inglaterra em 1935. É somente em 1954, porém, que consegue um posto como professor do recém criado Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester. Já na Inglaterra, em 1939 publica “O Processo Civilizador” (*Über den Prozess der Zivilisation*, Basileia, 1939) em alemão.

Em 1986, já aposentado, Elias publica, junto com um de seus primeiros alunos em Leicester, o livro *A Busca da Excitação* (*Quest for Excitement; Sport and Leisure in the*

¹ Datas das edições brasileiras.

Civilizing Process), que reúne um número de artigos, pesquisas e propostas de investigação, compostos desde a década de 1960, em conjunto com Eric Dunning e alguns outros alunos do Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester. A inovação desta coletânea foi justamente trazer o tema do esporte – tradicionalmente e até hoje, como vimos acima, um tema menor dentro das ciências sociais – para o centro das investigações sobre o social.² Para Elias e seus colaboradores, o esporte “é um fenômeno estratégico para o entendimento do processo histórico de longa duração denominado por ele de processo de civilização” (Leite Lopes, 1995, p.141).

Constituem este processo as mudanças no “comportamento considerado típico do homem civilizado ocidental”. Sua investigação parte da observação sobre os costumes prosaicos das pessoas comuns que, segundo ele, mudam em uma direção bem específica:

o fato é que deparamos com grande freqüência com observações que dão origem à pergunta seguinte: como e por que, no curso das transformações gerais da sociedade, que ocorrem em longos períodos de tempo e em determinada direção – e para as quais foi adotado o termo ‘desenvolvimento’ – a afetividade do comportamento e experiência humanos, o controle de emoções individuais por limitações internas e externas, e, neste sentido, a estrutura de todas as formas de expressão, são alterados em uma direção particular? Essas mudanças são indicadas na fala diária quando dizemos que as pessoas de nossa própria sociedade são mais ‘civilizadas’ do que antes, ou que as de outras sociedades são mais ‘incivis’ ou menos ‘civilizadas’ que as da nossa (Elias, 1990, p.214).

² De fato, José Sérgio Leite Lopes considera a coletânea como “uma das valorizações mais decisivas do tema ‘menor’ do esporte nas ciências sociais (foi) operada por *Sport et Civilization* (título francês da obra)”. Leite Lopes, 1995, p.141

Esta direção para qual apontam as mudanças nas emoções individuais é, portanto, o que Elias chama de “civilização”: a economia das pulsões e da conduta pessoal. É importante ressaltar que Elias indica claramente o sentido que dá a esta palavra³, e que não utiliza em nenhum trecho de sua obra, a palavra “civilização” ou “civilizado” no sentido de formar um par de opostos com outros termos como “bárbaro”, “selvagem” ou similares.

Jamais se pode dizer com absoluta certeza que os membros de uma sociedade *são* civilizados. Mas, com base em pesquisas sistemáticas, calcadas em evidência demonstrável, cabe dizer com alto grau de certeza que alguns grupos de pessoas *tornaram-se* mais civilizados, sem necessariamente implicar que é melhor ou pior, ou tem valor positivo ou negativo, tornar-se mais civilizado (*Idem*, p.221).

A esta mudança a longo prazo nas estruturas de personalidade, Elias associa mudanças, também a longo prazo, na estrutura social mais ampla, a saber, a formação dos estados absolutistas europeus, “movimento decisivo no processo global de civilização”. A sociogênese do processo de transformação das estruturas de personalidade depende da sociogênese do estado absolutista.

Não foi mera coincidência que, nos mesmos séculos em que rei ou príncipe adquiriram *status* absolutista, a contenção e moderação das paixões... a ‘civilização’ do comportamento, aumentasse visivelmente (Elias, 1993, p.16).

³ “...abandonamos as idéias metafísicas que vinculam o conceito de desenvolvimento à noção ou de uma necessidade mecânica ou de uma finalidade teleológica”. Elias, 1990, p.216.

A demonstração analítica da sociogênese do Estado e o exame histórico do processo civilizador, Elias buscará no caso da formação da sociedade de corte francesa⁴, principal monarquia européia do século XVII e modelo difusor do estilo e da etiqueta, da *courttoisie*, a “autoconsciência aristocrática” (Elias, 1990, p.76) com seu código específico de comportamento socialmente aceitável – e portanto *civilizado* – para as outras cortes européias. A corte francesa adquiriu esta condição de modelo pois foi justamente em França que se desenvolveu primeiro o estado-nacional centralizador na Europa.

A mais influente das sociedades de corte desenvolveu-se, como sabemos, na França. A partir de Paris, os mesmos códigos de conduta, maneiras, gosto e linguagem difundiram-se, em variados períodos, por todas as cortes européias. Mas isto não aconteceu apenas porque a França fosse o país mais poderoso da época. Somente se tornou possível porque, em uma transformação geral da sociedade européia, formações sociais semelhantes, caracterizadas por formas análogas de relações humanas, surgiram por toda parte. A aristocracia absolutista de corte dos demais países inspirou-se na nação mais rica, mais poderosa e mais centralizada da época, e adotou aquilo que se adequava às suas próprias necessidades sociais: maneiras e linguagem refinadas que a distinguiam das camadas inferiores da sociedade (Elias, 1993, p.17).

Quanto ao esporte, ele ocupa na teoria de Elias um lugar similar àquele ocupado pela sociedade de corte, em relação à teoria geral do processo civilizador. A mesma análise empírica do lugar estratégico da corte francesa é feita relativamente à gênese e difusão do fenômeno historicamente específico dos esportes: a *esportificação* do lazer dos nobres

⁴ “Elias elabora em *A sociedade de corte* uma etnografia do Palácio de Versalhes e das regras de etiqueta que ali atingiram seu ápice durante aquele reinado”. Leite Lopes, 1995, p.143.

ingleses no século XIX pressupõe já um processo de civilização em curso. Esta esportificação dos passatempos nobres é só uma faceta do processo mais amplo da *parlamentarização* da sociedade inglesa como um todo, após as guerras religiosas do século XVII (Elias & Dunning, 1992, caps. III-IV e Leite Lopes, 1995, p.145-146). Sendo assim, o fenômeno da parlamentarização da sociedade inglesa é mais um caso que Elias analisa para formular e explicitar sua teoria do processo civilizador, a substituição da coerção externa da violência por autocerção e autocontrole, de um *habitus social* impulsivo e “instintivo” por um *habitus social* de autocontrole das emoções.

A “esportificação”, em suma, manifestou-se como um avanço do processo de civilização comparável, em sua orientação geral, à “curialização” dos guerreiros, onde o endurecimento das regras da etiqueta desempenhou um papel significativo... (*Idem*, p.142).

Também do Reino Unido partiu uma outra contribuição importante que pode nos ajudar a compreender os fenômenos de que trata esta dissertação. John Bale, com seu livro *Sport, Space and the City* (1993), veio preencher uma lacuna na literatura sobre o futebol na Grã-Bretanha ao propor uma abordagem geográfica ao esporte mais popular do Reino Unido. Uma lacuna que, o autor observa, é paradoxal, devido ao fato de ambos, esporte e geografia, envolverem a análise do *espaço* (*space*) e do *lugar* (*place*) (Bale, 1993, p.5). Sendo assim, Bale voltará sua atenção para dois temas básicos: o que o estádio, como o lugar onde o jogo de futebol acontece, significa para diferentes grupos de pessoas em uma cidade, e as implicações que estes significados podem ter para o futuro do futebol britânico. Estes dois temas, segundo o autor, requerem uma interpretação dos sítios dos campos de

futebol britânico, as mudanças em sua organização espacial e o impacto de tais mudanças no meio ambiente urbano e ainda as pressões que existem no sentido de forçar estes campos de futebol para novos sítios além dos limites da cidade, ou seja, a sub-urbanização dos campos de futebol. Diz Bale ainda que as mudanças que estão ocorrendo no futebol seguem uma tendência racionalista e modernista, que se tem feito sentir em outras áreas da cultura para além do esporte (*Idem, ibidem*). Deve-se atentar para o fato de que a perspectiva de Bale está centrada prioritariamente no caso do futebol do Reino Unido.

Acreditamos porém, que o instrumento teórico do qual Bale se utiliza pode ser aplicado a outros casos, a partir de generalizações e adaptações do modelo original ao caso específico dos estádios de futebol brasileiros. Parece-nos que as transformações pelas quais os estádios e o futebol brasileiro em geral estão passando, são semelhantes àquelas que Bale identifica para o futebol britânico, e que algumas das tendências que estão sendo adotadas atualmente, no Brasil, na forma de se conceber o estádio de futebol, foram anteriormente testadas e adotadas pelos britânicos. Sendo assim, em uma perspectiva comparativa, os textos de Bale contribuem de forma significativa para o entendimento do fenômeno no caso brasileiro.

* * *

No Brasil, os primeiros trabalhos propriamente antropológicos sobre o esporte e o futebol especificamente, surgem no final da década de 1970, com a pesquisa de Simoni Lahud Guedes (*O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação de mestrado, 1977) e no começo da década de 1980, com Ricardo Benzaquem de Araújo (*Os gênios da pelota. Um*

estudo do futebol como profissão. 1980) e a coletânea editada por Roberto Da Matta, *Universo do Futebol*, de 1982. Tais pesquisas vieram na esteira do *boom* das pesquisas sobre o meio urbano no Brasil, desde os meados da década de 1970 (Toledo, 2001, p.34). Na década de 1990, alguns cursos de graduação e pós-graduação já introduzem o futebol como tema de análise, sendo fundados até núcleos e um periódico sobre o tema – a revista *Pesquisa de Campo*, do Núcleo de Sociologia do Futebol, da UERJ.⁵

Apesar da conquista de um espaço no campo acadêmico, o esporte, como objeto de pesquisa, aparece emparelhado com outras temáticas mais consolidadas dentro das ciências sociais: “esporte e formas de religiosidade”, “esportes e a construção das relações de gênero”, “esportes e corporalidade”, “esporte e sociedades indígenas”, “esporte e processos identitários”, “futebol e relações raciais”, “futebol e violência” etc... (*Idem*, p.135-136).

Problemas relacionados à arena desportiva, ao lugar onde acontecem as atividades esportivas, ainda não foram postos em questão por parte dos pesquisadores. Historicamente, a atenção dos sociólogos, historiadores e antropólogos brasileiros preocupados com as relações entre esporte e sociedade voltaram-se muito mais para os sentidos e os significados que o jogo pode ter para a população em geral ou então para as subculturas das torcidas associadas ao jogo – as torcidas organizadas (Toledo, 1996 Teixeira, 2004). A dinâmica própria ao jogo e o lugar onde ele acontece passaram despercebidas às atenções dos cientistas sociais, pelo menos os brasileiros, ao menos quando não estão relacionadas a estes temas clássicos da sociologia do futebol brasileira, como é o caso de recentes estudos sobre o Maracanã, o Pacaembu e São Januário.

⁵ Ver Toledo, 2001, pg. 135, onde é feito um levantamento sobre a presença do esporte e do futebol em encontros e publicações acadêmicas no Brasil de 1982 a 2002.

A verdade é que, no Brasil, se possuímos já uma sólida produção sociológica, histórica e antropológica sobre o tema, ele ainda não está consolidado dentro da estrutura de produção acadêmica do país. E parece que, em outros países, a situação não é diferente. No ano de 2000, por exemplo, no encontro anual da *American Sociological Association* (ASA) somente 5 das 577 sessões daquele encontro foram listadas na rubrica tríplice “lazer/esportes/recreação” (Washington & Karen, 2001, p.187). Nos dizem os mesmos autores que a dita Associação não possuía, até aquele ano, uma seção de “Sociologia do Esporte”. Isto se torna significativo, tendo em vista que a população estado-unidense é reconhecidamente fanática por esportes. Contam eles com nada menos do que cinco ligas profissionais⁶, com calendários próprios e anuais, que movimentam a vida esportiva nacional e cujos embates são transmitidos globalmente pela TV, ao vivo, movimentando uma indústria de bilhões de dólares. Em 1998, por exemplo, os gastos da população com esportes totalizaram \$17.7 bilhões de dólares nos Estados Unidos (*Idem*).⁷ Já em 1999, um comercial de 30 segundos durante as finais do campeonato de futebol americano, o *Super Bowl* chegou a custar 3 milhões de dólares (*Idem*). Vemos então que o esporte é um elemento central nesta sociedade, com o qual as pessoas e instituições se preocupam e com o qual estão dispostas a gastar dinheiro.

⁶ Estamos falando aqui da *National Basketball Association* (NBA), da *National Hockey League* (NHL), da *National Football League* (NFL), da *Major League Baseball* (MLB) e da *Professional Golfers Association* (PGA). É claro que existem nos EUA muitas outras ligas de vários outros esportes que são televisionados mundialmente. As cinco ligas citadas, porém, são as que atraem maior número de praticantes e espectadores.

⁷ Estes números não incluem os pagamentos feitos pela TV para transmitir eventos esportivos nem os \$21.4 bilhões de dólares gastos com academias e clubes dos mais variados tipos.

No Brasil, não encontramos um campo esportivo tão diversificado quanto o estadunidense, nem um volume tão grande de capital posto em movimento.⁸ Isto não quer dizer que o esporte não seja tão central no Brasil quanto nos EUA. Muito pelo contrário. O que acontece no Brasil é que o campo esportivo está dominado basicamente por um esporte, o futebol, que monopoliza quase a totalidade da carga emotiva contida na população. Como podemos ver nos trabalhos reunidos no livro organizado por Da Matta (1982) e no livro de Guedes (1998), o futebol se constitui, no Brasil, em um campo privilegiado para se pensar alguns elementos estruturantes da sociedade brasileira.

De fato, a influência e o estímulo do antropólogo Roberto Da Matta foram decisivos no desenvolvimento de uma abordagem mais sociológica do esporte em geral – e do futebol em particular – no Brasil. Sua maior contribuição nos parece ter sido tomar o futebol, e também o carnaval, instituições caras ao que poderíamos chamar de uma “cultura popular brasileira”, como elementos rituais desta sociedade, através dos quais

temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana. Daí a importância de estudar os aspectos simbólicos, ideológicos e ritualísticos do futebol, tal como esse esporte é praticado no Brasil (Da Matta, 1982, p.14).

⁸ Para o ano de 2003, temos a soma de R\$ 923 milhões gastos em patrocínios esportivos, um crescimento de cerca de 18% em relação ao ano anterior. Deste montante, R\$338 milhões foram resultado de patrocínio direto a atletas, clubes e entidades esportivas, sendo que o futebol absorveu 63% deste volume. Como prova da crescente mercantilização e midiaticização dos eventos esportivos no Brasil, a participação das TVs no mercado cresceu de 58% para 63%, no mesmo período, enquanto que os protagonistas viram sua participação encolher de 42% para 37%. Dados retirados da revista *Meio & Mensagem*, No.1115, julho de 2004.

Creemos que esta ausência do elemento esportivo nas grandes análises sociológicas, tanto estado-unidenses quanto brasileiras, seja significativa e sintomática. Como já nos alertou Pierre Bourdieu, a sociologia é uma ciência que perturba, que cria problemas. Ela “revela coisas ocultas e às vezes reprimidas... verdades que os tecnocratas, os epistemocratas, isto é, uma boa parte dos que lêem sociologia e dos que a financiam não gostam de ouvir”. Segundo Bourdieu, o que faz de um sociólogo, um Sociólogo, é ter como objeto campos de lutas. Seus temas são objetos de lutas:

(...) coisas que se escondem, que se censuram, pelas quais se está pronto a sacrificar a vida. Isto também é verdade para o pesquisador, que está em jogo com seus próprios objetos. E a dificuldade particular que existe em fazer sociologia freqüentemente se deve ao fato de que as pessoas têm medo daquilo que vão encontrar. A sociologia incessantemente confronta aquele que a pratica a realidades duras; ela desencanta (Bourdieu, 1983, p.18).

Uma vez que o pesquisador está tão em jogo quanto seu objeto, torna-se necessário então que se ponha este sociólogo em questão, que se pratique a sociologia dos sociólogos, uma vez que o próprio campo sociológico é um campo de lutas.

“Em sociologia... toda proposição que contradiz as idéias estabelecidas, está exposta à suspeita de preconceito ideológico, de tomada de posição política. Fere interesses sociais: os interesses dos dominantes que compactuam com o silêncio e com o ‘bom senso’; os interesses dos porta-vozes, dos comunicadores de massa...”
(*Idem*, p.20).

Parece-nos então que, para explicar a pouca atenção dada pelos cientistas sociais ao fenômeno esportivo, deveríamos examinar o próprio campo da produção sociológica para verificarmos até que ponto o esporte é ignorado ou incomoda os principais financiadores/produtores, uma vez que o esporte, o futebol, é coisa pela qual as pessoas estão prontas a sacrificar parte de suas vidas, o que extrapola grande parte daquilo que poderíamos chamar de “bom senso”. No caso específico do futebol, a luta encenada no campo e nas arquibancadas, deveria constituir para os sociólogos também um campo de lutas.

É justamente isto que Roberto Da Matta mostra, a partir da publicação do livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, de 1979. Nele, Da Matta percebe tanto o carnaval quanto os malandros e os heróis como criações sociais que refletem alguns dos dilemas básicos da formação social brasileira. Da Matta vê o carnaval como um rito onde se dramatizarão alguns aspectos chave da sociedade brasileira, como a igualdade e a hierarquia. Apesar de focalizar no carnaval, Da Matta indica no livro que o futebol poderia ser apreendido de semelhante forma, ou seja, como um processo de dramatização. Este projeto ele levará a cabo em 1982, com a publicação de *Universo do Futebol*. A partir de uma perspectiva semelhante, a do futebol como um “veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira” (Da Matta, 1982, p.21), Da Matta percebe o futebol enquanto um sistema, e propõe que apreendamos o futebol não como mais um elemento que irá compor o par de oposições com a sociedade, como natureza/sociedade; economia/sociedade; política/sociedade ou lazer/sociedade, mas que vejamos tanto o esporte na sociedade quanto a sociedade no esporte. (*Idem*, p.23)

Sendo assim, nos trabalhos patrocinados por Da Matta surgirão estudos sobre o futebol que tematizam a identidade nacional, a questão da “raça”, a suposta existência de um “estilo brasileiro” de jogar futebol, o *ethos* nacional, os trabalhadores, a elite e a questão de classe, só para citar alguns.

* * *

Foram utilizados, na pesquisa, alguns números da revista inglesa *When Saturday Comes*, fanzine editado por torcedores britânicos. Seu interesse se dá pelo fato de fornecer uma imagem mais representativa dos pontos de vista do torcedor do que as revistas editadas pela mídia tradicional. Segundo Giulianotti, o fenômeno dos *fanzines* no Reino Unido está atrelado ao movimento “faça você mesmo” do final da década de 1970 no Reino Unido, a partir de quando o fanzine “tornou-se uma forma subcultural” (Giulianotti, 2002, p.88), e expandiu-se com o surgimento de um novo tipo de torcedor de futebol, o “pós-torcedor”, na década de 1990, majoritariamente pessoas de classe média, que “representam um novo e crítico tipo de espectador do futebol, ávido por produzir e consumir uma variedade de mídias de futebol” (*Idem*, p.215). Além de ter se constituído, inicialmente, como um fórum de resistência ao ataque thatcherista ao “playground cultural das classes trabalhadoras” (*Idem*, p.88), através da crítica, da ironia e da paródia, por meio deles podemos colher informações e críticas, na maior parte das vezes bem humorada, sobre jogadores, técnicos e diretores de clubes, notícias não oficiais sobre assuntos do clube, um ou outro artigo mais sério sobre o estado atual do futebol inglês.

A wealth of data is available in the fanzines on numerous topics of interest to the social researcher. For example: variations in the policing of football grounds; differences in the facilities provided for away supporters; the experience of traveling to away matches; life histories of football support. A sound working knowledge of the relevant fanzines can provide a useful starting point for local case studies (Duke, 1991 p.643).⁹

A revista *When Saturday Comes* é importante justamente por ser das mais longevas (seu primeiro número saiu em março de 1986) e por não representar o ponto de vista de torcedores de um clube em particular, tratando do futebol britânico em geral. Se aquele primeiro número custava 20 *pence* e nada mais era do que algumas folhas de papel fotocopiadas e grampeadas, hoje em dia *When Saturday Comes* é uma revista de 46 páginas, totalmente a cores, possuindo inúmeros anunciantes em suas páginas, com esquema de assinaturas internacional e custando £2.20 o exemplar.

Uma vez que o processo de modernização dos estádios no Brasil é comparável ao que se deu no Reino Unido e que este país, por sua vez, desempenha o papel de ponta-de-lança neste processo mundial de globalização e comercialização do futebol, acreditamos que a revista *When Saturday Comes* é um documento valioso para traçarmos sua trajetória.

Para esta dissertação, foram visitados ainda alguns estádios de futebol em dias de jogo, como foi dito acima, para a coleta de dados a partir da observação direta dos novos espaços dos estádios de futebol e sua funcionalidade. Procurou-se sempre observar e atentar

⁹ Neste artigo, Duke inventaria o total de fanzines para o ano de 1990 entre os 92 clubes constituintes da Liga inglesa em todas as suas divisões. Somente cinco clubes não possuíam fanzines editados por seus torcedores, todos eles de terceira ou quarta divisão, sendo que na primeira divisão, a média era de 2.90 fanzines por clube, o que demonstra a força e o alastramento do fenômeno entre os torcedores ingleses. Somente o time do Leeds United possuía seis fanzines editados.

para as mudanças, quase nunca sutis, que a estrutura das arquibancadas sofreu nos últimos anos. Estas observações foram comparadas com o que já se conhecia sobre as arenas esportivas brasileiras a partir da experiência própria e prévia do antropólogo em freqüentar estádios em épocas quando algumas questões referentes à segurança e a utilização das arenas por parte de seus proprietários, fossem eles estatais ou agremiações esportivas, não estavam em jogo. A pesquisa não foi exaustiva, porém. Tampouco foram elaborados questionários e conduzidas entrevistas com os torcedores que freqüentam os estádios escolhidos. Procurou-se sempre observar o uso do estádio pelas torcidas e seu comportamento dentro dele. Através do uso de fotografias, procurou-se registrar alguns elementos físicos e espaciais dos estádios visitados, para a visualização com maior nitidez das intervenções espaciais realizadas nos mesmos.

No primeiro capítulo, tentamos explicitar a forma como se deu o processo que acabou por transformar os tradicionais jogos de bola medievais ingleses em esportes regulamentados e profissionais, assim como tentamos acompanhar a processo que teve por fim o surgimento dos estádios de futebol no Reino Unido. Da mesma forma, no segundo capítulo voltamos nossa atenção ao desenvolvimento dos estádios de futebol brasileiros, prestando atenção especial ao Maracanã, “coração do Brasil”.

No terceiro e último capítulo, procuramos iluminar o processo de transformações ocorridas nos estádios analisados à luz da nova orientação para o mercado adotada pelos principais clubes ingleses. Sempre em uma perspectiva comparativa com o caso britânico, procurou-se dar conta das transformações observadas em alguns estádios brasileiros, já orientadas por uma gestão mais empresarial do futebol.

Capítulo 1: Do *folk football* ao esporte codificado

No dia 16 de julho de 1950, no estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, foi disputado um dos jogos que mais marcaria a vida esportiva brasileira no século XX. Nesta data, a seleção brasileira de futebol disputaria o jogo que poderia lhe valer sua primeira Copa do Mundo, contra o selecionado uruguaio.¹⁰ Neste dia registrou-se o maior público pagante e presente na história do estádio, inaugurado (ainda que inacabado) poucas semanas antes, justamente para a disputa da Copa do Mundo do Brasil organizada pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*). Foram vendidos antecipadamente 120 mil ingressos para as *arquibancadas* e 14 mil ingressos para as *cadeiras numeradas*. No dia do jogo, restavam somente os ingressos para a *geral*. Filas de cerca de 1 km foram formadas para se ter acesso ao interior do estádio. Na contagem final, registraram-se 173,850 pagantes, mas calcula-se que cerca de 200,000 pessoas estivessem presentes ao jogo, entre os pagantes, convidados e *penetras* – por volta de 10% da população carioca (Moura, 1998, p.116). O Maracanã era, então, o maior estádio de futebol do mundo, e sua construção visava justamente alcançar este objetivo. O público presente desta partida não foi superado até hoje em partidas oficiais de futebol.

Apesar de um público como o registrado nesta partida em 1950 ser realmente grande, até mesmo para partidas decisivas de campeonatos internacionais, não é raro que se

¹⁰ O Brasil foi derrotado por 2x1 pelos uruguaios, de virada. Ao Brasil, bastava o empate para sagrar-se campeão do mundo pela primeira vez. Esta derrota deu início a uma série de debates sobre a formação do jogador brasileiro e a incapacidade do escrete brasileiro ter sucesso em um plano internacional. A culpa, não só da derrota contra os uruguaios, mas também da inferioridade técnica, tática, física e moral do futebol brasileiro, caiu em cima dos jogadores negros e mulatos. A mestiçagem era a verdadeira culpada da derrota do selecionado frente aos uruguaios. Cf. Mario Filho (1964), Guedes (1998), Moura (1998) e Leite Lopes (2004).

registre um número acima de 100,000 torcedores em partidas de futebol, muitas vezes em jogos que não são decisivos. Se formos olhar, porém, para os primórdios do jogo, em meados do século XIX, veremos que a configuração do esporte sofreu grandes mutações em todos os seus aspectos. O que nos interessa aqui, de imediato, são as transformações que ocorreram, ao longo destes 150 anos, no espaço onde o jogo de futebol é praticado, compreendendo-se aí não só o gramado, no qual as duas equipes se enfrentam, mas também o espaço em volta do campo. Vejamos, então, de que forma o futebol se desenvolveu até sua codificação na Inglaterra, e sua evolução a partir de então.

* * *

O ano de 1863 marcou a data da *codificação* do *Association Football*, mas não o de sua *invenção*. A idéia de que o futebol surgiu, em seus moldes modernos, a partir desta data, é errônea e ignora todo um processo de desenvolvimento e tradições populares que remontam à sociedade medieval européia. Apesar de termos evidência de que os mais variados povos em diferentes épocas praticavam atividades e jogos com bola¹¹, o que nos interessa aqui são os passatempos que surgiram nas ilhas britânicas a partir do século XIV, quando jogos referidos como *football* começam a ser mais freqüentes, tanto na documentação oficial de reis e cortes quanto na literatura de um modo geral (Dunning e

¹¹ Temos o Tsü Tsü, ritual de guerra na antiga China, cerca de 2600 a.C.; o Kemary japonês, jogado desde 2600 a.C.; o Tlachtlí, jogo de bola ancestral da América pré-colombiana; o Epyskiros grego, a partir do século 4 a.C. e o Harpastum romano, do século 1 a.C.; o pasuckquakkohowog, jogado pelos povos que fizeram contato com os peregrinos ingleses que aportaram na América do Norte ou ainda o Calcio florentino, violento jogo de bola disputado, até hoje, em forma museificada, na Piazza Santo Croce; o também violento Soule, da região da atual França. São vários os relatos de jogos com bola praticados por inúmeros povos. Cf. Giulianotti 2002; Murad, 1996.

Sheard, 1979, p.22), sob várias formas: o jogo de *cad* popular entre os povos descendentes dos celtas, especialmente na Irlanda; o *knappan* do País de Gales; o *ba game* das Ilhas Órcades (Giulianotti, 2002, p.16). Seja qual for a tradição local, podemos englobar estes jogos tradicionais sob a denominação genérica de *folk football* ou *mob football*, que, apesar de serem referidos já com o nome pelo qual conhecemos o jogo moderno, na verdade guardam poucas semelhanças com o esporte atual. Como nos alertaram Elias e Dunning (1992), nada é mais revelador da natureza destes jogos ancestrais do futebol, do que as sucessivas e frustradas tentativas do Estado inglês e das autoridades locais, no sentido de proibir sua prática tanto no campo quanto na cidade¹². Uma natureza violenta, muitas vezes ameaçadora à ordem pública, que poderíamos classificar como “não-civilizada”, no sentido de uma flutuação muito intensa de sentimentos e pulsões, tanto de camponeses quanto dos habitantes do burgo inglês medieval, que refletia não só um potencial superior de solidariedade como de conflito e luta, como nos mostram Elias e Dunning (1992, p.257-278).

Com efeito, se formos analisar um relato de algum destes jogos de bola primitivos, veremos que o potencial de violência contido nestes jogos tradicionais era realmente muito grande, e ofereciam a oportunidade de se resolver vendetas pessoais existentes entre os participantes, assim como punham em jogo rivalidades mais amplas entre grupos ou cidades próximas umas das outras.

É o caso do *hurling*, jogo tradicional da região da Cornualha, assim como o *knappan*, jogado na região do País de Gales. Em ambos, encontramos algumas semelhanças

¹² Nada menos do que 32 banições, entre 1314 e 1667, sendo que algumas em anos sucessivos, eludindo assim mais de onze reinados diferentes na Inglaterra. Cf. Elias e Dunning, 1985, p.258 e Dunning e Sheard, 1979, p.23.

em relação à sua organização, que obedecia a uma estrutura extremamente frouxa: não eram regulamentados por regras formais ou escritas, o modo como as pessoas jogavam dependendo muito mais das tradições e costumes locais. Alguns destes jogos faziam parte de um calendário religioso anual, acontecendo em dias específicos do ano, mas a maioria acontecia na verdade de forma espontânea. Não havia algum tipo de árbitro que administrasse regras impessoais, muitas vezes participantes utilizavam implementos como tacos e bastões para acertar não somente a bola, mas também os oponentes, podendo acontecer eventualmente de um participante portar algum objeto cortante. Da mesma forma, não havia nenhuma regra que fixasse a igualdade numérica entre os lados opostos, não havendo uma distinção precisa entre jogador e espectador: se a ação do jogo fosse dirigida por acaso para o lugar de onde um grupo de pessoas estivesse a observar a ação, estes eram também envolvidos no jogo, e deles se esperava isto, acima de tudo quando a contenda envolvesse grupos rivais. Não havia restrições quanto à área na qual o jogo se desenrolaria: nas ruas e nos mercados, se o jogo estivesse sendo disputado dentro do burgo, ou nos campos, se a disputa acontecesse fora dos limites da cidade, não havendo neste caso limite algum para o desenrolar da ação – rios, elevações, vales, sebes, bosques, nenhum acidente geográfico se constituía como impedimento para a ação frenética dos participantes. Contusões, e até mesmo a morte, não eram infreqüentes, e faziam parte da estrutura de um tipo de jogo que refletia “o tom violento da vida em sociedade como um todo, e, por outro lado, o comparativamente baixo ‘nível de repugnância’ em relação ao testemunho e ao tomar parte em atos violentos que, como Elias sugeriu, é característico de pessoas em uma sociedade situada em um estágio anterior ao nosso em um ‘processo civilizatório’”.¹³

¹³ Dunning & Sheard, p.31. Para descrição destes jogos, cf. Elias e Dunning (1992), Dunning e Sheard (1979),

Com o passar do tempo, tais jogos foram progressivamente “civilizando-se”, reflexo de um movimento mais amplo de pacificação da sociedade e do crescente monopólio da violência concentrado nas mãos do estado e seus representantes (Elias e Dunning, 1992). Muitos deles simplesmente desapareceram das tradições locais, uma vez que a função central destes jogos violentos, que se assemelhavam a batalhas militarizadas – a geração de excitação – foi gradualmente transferida para outras atividades, entre elas o *esporte*. Apesar disso, no século XIX, encontramos evidências do *mob football* ainda ser jogado na Inglaterra (Dunning e Sheard, 1979, p.22).

Como mostraram Dunning e Sheard (1979), a tradição dos jogos de *mob football* persistiu nos jogos praticados pelos alunos ingleses nas principais escolas aristocráticas do Reino, as “variações do futebol popular das escolas públicas”. Foram nestas escolas que se desenvolveram os jogos que viriam mais tarde a dar origem, não só ao *Association Football*, codificado em 1863 com a confecção formal de suas regras e a fundação da *Football Association* em Londres mas também ao *Rugby Football*, finalmente codificado em 1871 com a fundação da *Rugby Union*. Se aqui não é o lugar de retomar a discussão do desenvolvimento dos jogos tradicionais em jogos codificados, “esportificados”, no âmbito das escolas públicas inglesas e da dinâmica própria da sociedade inglesa do século XIX, há que se ressaltar a importância central do reitor da escola de Rugby durante o período de 1828 até 1842, Thomas Arnold, que encetou um movimento reformista em sua escola, na qual o jogo de *football* nela praticado (e que daria forma ao *Rugby Football* moderno) não mais era visto como uma forma de insubordinação dos alunos em relação às autoridades escolares, mas sim mais um instrumento pedagógico, no sentido de formar os quadros para

que estão reproduzidos em apêndice no final desta dissertação.

a administração imperial britânica. As reformas por ele promovidas, não só na escola de Rugby em si, mas também no jogo nela praticado, logo se alastraram pelas outras escolas públicas britânicas, trazendo assim mudanças significativas incorporadas também ao jogo de *football*.

A mudança que mais nos interessa aqui é o fato de estes jogos, dentro das escolas públicas, serem jogados dentro de um terreno mais ou menos definido: o pátio interno, um gramado ou um descampado pertencente à escola, seus limites sendo definidos, em ambos extremos, pelos postes das metas, e nas laterais pelos outros alunos que assistiam ao jogo. Mesmo assim, ainda não havia um espaço delimitado no qual o jogo se desenrolasse, a ação às vezes ainda ultrapassava esta linha imaginária demarcada pelos espectadores, muitas vezes envolvendo-os no jogo, como acontecia nos antigos jogos de *mob football*. Mesmo após a codificação do *Association Football*, o jogo continuou a evoluir e sofrer refinamentos. É só em 1875, por exemplo, que o travessão – a barra superior que, junto com as traves laterais, forma o retângulo que delimita a área onde a bola deve ser colocada para se marcar um ponto – é introduzido, doze anos após a formação da *Football Association*. Ainda não existiam, porém, regulamentações sobre delimitações espaciais para o jogo de *football*. Recomendações específicas neste sentido só seriam estabelecidas em 1882, quando se decidiu que o gramado do jogo deveria ser delimitado por uma linha branca, eliminando assim um dos últimos resíduos do futebol popular, demarcando e confinando o jogo a um espaço pré-definido, e separando formalmente e de fato os jogadores da audiência (Bale, 1993, p.16).¹⁴ Outros refinamentos de cunho civilizatório, já

¹⁴ Mesmo assim, manteve-se uma certa flexibilidade nas dimensões do campo para que campos pudessem ser erigidos tanto em grandes descampados quanto em localidades mais restritas, em geral no meio urbano. As

em um momento bastante recente na história do esporte, aconteceram na década de 1970 do século XX, quando foram introduzidas a substituição de jogadores (muitas vezes um time via-se em desvantagem numérica em função de contusões infligidas por outros jogadores) e a distribuição de cartões amarelos e vermelhos a jogadores que pratiquem um estilo de jogo violento, ou que atentem contra o bom andamento do jogo, fugindo às normas do *fair-play*. Um dos últimos movimentos civilizatórios teve como seu alvo o controle e a contenção da torcida, como veremos adiante.

Temos então, que a implementação desta única regra teve conseqüências significativas para o desenvolvimento posterior do esporte pois, uma vez segregados jogadores e torcidas, vai se tornar possível o surgimento daquilo que nos interessa nesta dissertação: *o estádio de futebol*.



Figura 1: Partida de futebol em Cambridge, meados do século XIX. O campo do jogo é delimitado pela torcida
Walvin, James. *The People's Game*, 1994

regras oficiais adotadas pela FIFA para o jogo dizem o seguinte: o campo de jogo será retangular. O comprimento da linha lateral deverá ser superior ao comprimento da linha de fundo. Comprimento: mínimo 90m; máximo 120m. Largura: mínima 45m; máxima 90m. Para partidas internacionais: comprimento mínimo 100m; máximo 110m. Largura: mínima 64m; máxima 75m.

1.1 O desenvolvimento dos estádios de futebol no Reino Unido

Faz-se necessário, neste momento, investigar de que forma os estádios de futebol se desenvolveram a partir da criação da *Football Association (FA)* para tentarmos alcançar nosso objetivo, que é de investigar de que forma a modernização dos estádios de futebol afetaram – e afetam – o torcedor. Em primeiro lugar, investigaremos o desenvolvimento dos estádios de futebol no Reino Unido, pois foi dali que o *football* se espalhou para outras partes do mundo, para em seguida voltarmos nossa atenção para os estádios brasileiros.



Figura 2: Partida de futebol, 1892. Bandeirolas são utilizadas para a orientação dos jogadores em relação ao campo. Ao fundo, uma corda separa os torcedores do campo.

Walvin, James. *The People's Game*, 1994.

Não demorou muito para que o futebol se tornasse bastante popular nos principais centros urbanos ingleses, nas décadas seguintes à formação da *FA*. Apesar de ainda estar organizado em uma estrutura amadora, era crescente o número de pessoas que preferia assistir ao jogo, em vez de praticá-lo, fazendo com que o jogo adquirisse uma feição de

entretenimento e passasse a ter um valor cultural e sentimental para as pessoas que se dirigiam aos campos para assistir os jogos. Os times mais populares estavam estabelecidos no norte da Inglaterra, região marcada por forte presença da classe trabalhadora, sendo que alguns campos ficavam mesmo perto de fábricas, o que contribuía para formar uma massa de torcedores provenientes principalmente destes centros urbanos industriais.

A partir do momento em que competições e campeonatos cada vez mais regulares e bem organizados tornaram-se mais freqüentes, cresceu o número de espectadores presentes nas diversas partidas de futebol, sendo assim necessária a criação de algum tipo de acomodação para estas pessoas. Com acomodações melhores (bons pontos de vista, cobertura para os torcedores que os protegesse das intempéries, talvez cadeiras e assentos), a presença de espectadores aumentava em uma proporção cada vez maior. Logo os clubes perceberam aí uma possibilidade de arrecadar fundos com os quais seria possível mantê-los em atividade, a partir da cobrança de um ingresso junto aos torcedores, que lhes permitisse acessar estas acomodações e desfrutar os 90 minutos de lazer que ali lhe eram oferecidos. Em 1874 já há registros de o clube Aston Villa – historicamente o clube mais representativo da classe trabalhadora londrina – estar cobrando ingressos na entrada de jogos. Como nesta época ainda não existiam regras que demarcassem o campo, cordas eram utilizadas para restringir o número de espectadores e separá-los dos jogadores, e os gramados começaram a ser cercados para limitá-los em relação ao terreno em volta (Bale, 1993, p.18).

Como notaram Bale e Giulianotti, as classes foram “o centro da etnologia social dos campos de futebol” (Giulianotti, 2002, p.94 e Bale, 1993, p.18) na Inglaterra, e foram as divisões de classe que deram impulso ao próximo estágio na constituição espacial do

estádio de futebol. Começaram a ser construídos pavilhões exclusivos, na maior parte das vezes com assentos e cobertura, para os diretores de clube, seus convidados e torcedores de classe média dispostos a pagar um ingresso mais caro, instituindo assim a segregação baseada em diferenças de poder econômico no futebol. Aos que não possuíam meios de arcar com mais este gasto, restava ou a opção de pagar um ingresso mais barato e assistir a partida dos terraços (*terraces*) elevados, constituídos na maior parte das vezes de escombros e dejetos, erguidos em geral atrás de cada gol – lugar que iria mais tarde se tornar o espaço preferido do torcedor inglês, chegando a ponto de ser romantizado e mitologizado após sua substituição por arquibancadas com assentos, como veremos mais adiante – ou então tentar assistir aos jogos de algum ponto avantajado porém fora do terreno que compreendia este incipiente “estádio” de futebol: um prédio mais alto, postes ou, mais comumente, árvores.

Com o passar do tempo e o crescimento da popularidade do *football* nas principais cidades britânicas, estes novos espaços do campo de futebol foram se estabilizando, ao mesmo tempo em que os clubes davam mais atenção aos seus estádios, em função da crescente presença de torcedores em suas dependências. A média de público da temporada de 1913/14, por exemplo, alcançou a marca de 23,100 espectadores na primeira divisão, enquanto que em 1888/89, a média de público foi de 4,600. As finais da *FA Cup*, contaram com uma média de 79,300 espectadores durante o período 1905-1913 (Bale, 1993, p.19).¹⁵

¹⁵ O campeonato nacional inglês, disputado desde 1888, com várias divisões, é organizado pela liga dos clubes, fundada em 1885. Já o torneio *FA Cup* foi criado em 1863, junto com a fundação da *Football Association* inglesa e por ela organizado, sendo assim o torneio mais antigo em disputa no mundo do futebol. Realizado ano após ano, é o torneio que monopoliza a carga de emoção dos torcedores ingleses.

A partir da primeira década do século XX, o arquiteto Archibald Leitch desponta como o principal projetista e construtor de estádios de futebol no Reino Unido, após ter executado projetos nos três principais estádios da Escócia: Hampden, Ibrox e Celtic Park. Clubes como o Sheffield Wednesday, Tottenham Hotspur, Liverpool, Fulham, Aston Villa e o Everton (Inglis, 1996), alguns dos mais importantes clubes ingleses, todos contrataram Leitch para construir seus estádios. Leitch lançava mão, sempre, de um projeto básico que consistia em três arquibancadas abertas (chamadas de *ends* ou *kops* aquelas que ficavam atrás dos gols), sobrepostas por uma grande arquibancada coberta (*mainstand*), com duas fileiras, em volta do gramado (Figura 3). Como nos diz Giulianotti,

Os primeiros campos tinham freqüentemente forma elíptica e uma arquibancada aberta inclinada que era vista como uma variação barroca dos majestosos anfiteatros romanos. Mais tarde, como as finanças e o espaço central das cidades levaram a limitações, os campos passaram a ser retangulares, acompanhando os parâmetros do gramado e colocando os espectadores mais perto do jogo (Giulianotti, 2002, p.94).



Figura 3: Brisbane Road, estádio do clube Leyton Orient, construído seguindo o modelo clássico inglês: arquibancadas cobertas nas laterais e os *terraces* atrás dos gols. Inglis, Simon. *Football grounds of Britain*, 1996

Com estádios cada vez maiores, possuindo uma estrutura profissional para seus jogadores¹⁶ e uma liga profissional em expansão (Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002b)¹⁷, a temporada futebolística profissional inglesa de 1928/29 alcançou a marca de 24 milhões de espectadores no total. Para tanto, contribuiu em muito a construção do estádio de Wembley, em Londres. Concluído em 1923, com capacidade para 100,000 torcedores, seu recorde de público foi registrado justamente na primeira partida nele disputada: a final da *FA Cup* de 1923, entre o Bolton Wanderers e o West Ham, ambos de Londres, quando 126,900 torcedores pagaram para assistir à partida, apesar de acreditar-se que cerca de 200,000 estivessem presentes naquele dia. O último jogo que registrou um público acima dos 100,000 foi em 1985, em uma final da *FA Cup* entre o Everton e o Manchester United. No ano de 2002, o estádio foi demolido para ser construído em seu lugar um novo Wembley, muito mais moderno e possuindo uma capacidade equiparável ao antigo. Voltaremos ao estádio de Wembley mais adiante.

Nesta época, o Reino Unido possuía os estádios com maior capacidade em todo o mundo. Além do novíssimo Wembley em Londres, a cidade de Glasgow, na Escócia, detinha os três maiores estádios de futebol. O Celtic Park, inaugurado em 1892, com uma capacidade para 46,000 torcedores, pertencente ao time Glasgow Celtic, e que registrou em 1938 um público de 95,000 espectadores contra seus eternos rivais Glasgow Rangers. Estes, por sua vez, construíram o estádio de Ibrox, aberto em 1899 e capaz de acomodar

¹⁶ Desde 1876 há registro de jogadores sendo pagos para jogarem no Reino Unido. O profissionalismo veio, de fato, no ano de 1885.

¹⁷ A *Football League* foi fundada em 1888 e contava com 12 clubes. Uma segunda divisão foi criada em 1892, expandindo o número de filiados para 28 clubes. Em 1904 houve nova expansão e a Liga contava agora com 40 associados. Na década de 20, nova expansão com a adição de duas divisões regionais, elevando o número de clubes participantes da Liga para 88. Finalmente, em 1950, mais quatro clubes se juntaram à Liga profissional, completando assim o número atual de 92 clubes filiados.

40,000 pessoas. Em 1939, porém, este mesmo estádio já era capaz de acomodar 118.500 torcedores, como aconteceu em uma partida contra o archi-rival Glasgow Celtic. Atualmente, sua capacidade está reduzida a 50,500 torcedores. Ainda em Glasgow, encontramos o estádio de Hampden Park, cujo dono é o time amador Queen's Park, o clube de futebol mais antigo da Escócia, considerado o estádio oficial do selecionado escocês. Construído em 1903, Hampden Park possuía espaço suficiente para 65,000 torcedores já no ano de sua inauguração. Em 1937, porém, após uma série de ampliações, cerca de 149,500 torcedores testemunharam uma partida entre as seleções da Inglaterra e da Escócia. Em 1950, sua capacidade era de 135,000 torcedores. Atualmente, está reduzida a 52,000 lugares.

O fato, porém, é que as concepções arquitetônicas dos estádios britânicos não acompanharam o crescimento da popularidade do esporte. As bases lançadas por Archibald Leitch foram mantidas e as únicas alterações efetuadas em estádios britânicos ao longo de todo o século XX tinham em vista somente a ampliação de sua capacidade. Reformas efetivas eram raras, e quando alguma arquibancada vinha a baixo, era para ser substituída por uma maior ainda, construída sob as mesmas concepções: uma arquibancada principal grande e coberta e terraços (*terraces*) para aqueles que não tinham meios de pagar um ingresso mais caro. Foram estes lugares, localizados tradicionalmente atrás das metas, que se tornaram os mais queridos para a torcida inglesa proveniente das classes trabalhadoras. Neles, não havia cobertura que os protegesse dos humores do clima, tampouco cadeiras: o torcedor assistia ao jogo em pé e desfrutava uma emoção que, se não primava pelo ângulo de visão, era muito mais intensa do que aquela experimentada por outros torcedores, em razão da proximidade em relação ao campo e aos jogadores.

Estes terraços passaram a ser genericamente chamados de *kop*, e constituíam-se como um lugar de preservação da memória operária. Essa denominação tem origem atribuída ao episódio ocorrido na África do Sul, em janeiro de 1900, quando um batalhão do exército inglês em ação na Guerra dos Bôeres foi ordenado a conduzir um ataque suicida, sem cobertura, ao morro conhecido como *Spion Kop*. Muitos dos que morreram neste ataque vinham de famílias operárias da região do Lancashire, importante centro futebolístico inglês, e sua memória foi preservada com a denominação destes terraços por *kops* (Giulianotti, 2002, p.94).

Bale propõe a noção de *topofilia* (*topophilia*) para tentar dar conta da imensa popularidade e carinho, dedicados não só a estes espaços específicos mas ao estádio de futebol como um todo (mais comumente referido como *park*, ou *ground*, pelos ingleses). O termo foi usado pela primeira vez pelo geógrafo americano Yu-Fu Tuan para descrever as ligações afetivas dos seres humanos com o meio ambiente material, incluindo aí as situações nas quais o futebol conjugaria sentimentos de afeição em relação a um lugar específico (Bale, 1993, p.64). Segundo Bale, os estádios de futebol podem vir a ser espaços geradores de um sentimento de topofilia em função, por um lado, de seu valor econômico para um certo grupo de pessoas que derivariam dele benefícios perfazendo boa parte de sua renda no dia a dia – tais como donos de bares situados perto do estádio, vendedores ambulantes, donos de estacionamentos, lojas de material esportivo, entre outros.

Por outro lado, a relação entre o torcedor de um determinado time de futebol e seu estádio é também uma fonte de sensações topofílicas, a partir do “sentimento de lugar” que por ele pode ser criado, uma vez que um dado estádio pode possuir uma atmosfera quase que religiosa para os torcedores que o utilizam, assim como a identificação intensa de um

estádio com um dado time de futebol que possua laços estreitos com a comunidade em volta¹⁸, ou até mesmo o valor cênico, as peculiaridades e curiosidades arquitetônicas de um estádio, sua integração com um dado conjunto arquitetônico e paisagístico.

Em suma, o estádio seria um gerador de sentimentos topofílicos por movimentar um segmento do mercado voltado para o evento futebolístico, seja no âmbito local, de bairro, seja em uma escala mais ampla, quando o estádio é a casa de um time que representa uma comunidade ou cidade inteira (*Idem*, p.77).

O caso do time londrino Charlton Athletics pode ser analisado como um bom exemplo de sentimentos profundamente topofílicos de uma torcida com a “casa” de um clube de futebol. Estas sensações podem ser verificadas no artigo *Battle for the Valley*, publicado no fanzine *Voice of the Valley*¹⁹, revista publicada pelos torcedores do clube. Nele, encontramos as seguintes declarações:

Is it just that I am a Charlton fan through and through that I regard the Valley as something special?
Sometimes the size and the old-fashioned nature of the stands (apart from the south stand) make it unique. It's not a palace, but I prefer homes to palaces.

e

¹⁸ Ao contrário dos clubes cariocas, por exemplo, que, com o passar dos anos perderam muito desta ligação profunda entre clube e bairro, alargando sua base de torcedores para além do bairro, cidade ou até mesmo estado (o Botafogo e o Flamengo, por exemplo, foram fundados nos bairros que emprestaram seus nomes aos clubes), a maioria dos times ingleses guarda, ainda hoje, uma ligação profunda com os bairros e as comunidades na qual eles nascerem e se estabeleceram. Foram poucos os clubes que conseguiram arregimentar torcedores fora de sua cidade, ou até mesmo bairro. Os clubes de futebol ingleses, ainda por cima, não foram constituídos como clubes sociais – como o foram os cariocas, para os quais a *sede social* é tão importante quanto o estádio – e restringiram assim suas atividades à prática do futebol. Sendo assim, o estádio de futebol de um clube inglês é efetivamente sua “casa”.

¹⁹ *Voice of the Valley* no. 11, p.18-22, 1989, cit. in Bale, 1993, p.70

We know that there are people who argue that they support the team and not the ground, but they miss the point. The two cannot be separated without compromising the club's identity. Do that and you lose the deep emotional hold that even today football clubs exert over their supporters. ...Now the soul of Charlton will be renewed.

Na época em que foram dadas estas declarações (1989) o clube do Charlton Athletic acabava de reaver a posse de seu antigo estádio, The Valley, inaugurado em 1919. Localizado em um terreno altamente valorizado de Londres, às margens do rio Tamisa, no bairro de Greenwich, o estádio no final dos anos 1970 representava para o clube, cada vez mais, uma fonte de dívidas por conta das constantes obras que nele precisavam ser realizadas para cumprir normas de segurança, pela base diminuta de torcedores do time que freqüentavam o estádio e pela pouca rentabilidade do campo em dias de jogo. Em 1985, o clube decidiu finalmente se desfazer do estádio e passou a jogar no campo de outra equipe londrina, o Crystal Palace, cujo estádio Selhurst Park foi alugado pelo Charlton. Tal medida provou ser extremamente impopular e encontrou oposição ferrenha dos torcedores, afinal, o Crystal Palace, apesar de jogar em divisão acima na época, era um rival tradicional.

Enquanto o estádio The Valley não era demolido em função de uma série de batalhas legais que impediam o desenvolvimento imobiliário no local, os torcedores começaram a se mobilizar. Em 1988 foi fundado o citado fanzine *The Voice of the Valley*, que iniciou uma campanha de retorno do clube à sua “casa” original incitando um boicote dos torcedores ao clube enquanto este estivesse jogando em um estádio que não fosse o The Valley. O ativismo dos fãs chegou ao ápice em 1990, com a chegada das eleições comunitárias no bairro de Greenwich. Foi fundado um partido, The Valley's Party. Sem

plataforma política, a única reivindicação da chapa era o retorno do clube ao antigo estádio. Surpreendentemente, o partido obteve cerca de 11% do total de votos. Em dezembro de 1992, o Charlton Athletic voltava a mandar seus jogos no The Valley, que seria remodelado nos anos seguintes.

É interessante notar que a luta do Charlton para reaver seu estádio não é um caso isolado entre os clubes ingleses. Recentemente, outro clube londrino, o Fulham FC, finalmente conseguiu reabrir um dos estádios mais tradicionais da Liga inglesa, o Craven Cottage, depois de cerca de dez anos de ameaça iminente de demolição para o desenvolvimento imobiliário, enquanto o estádio passava de mão entre incorporadoras e empresários. Em 2004, com o estádio totalmente reformado, porém mantendo suas características distintivas, geradoras de fortes sentimentos topofílicos, tais como a edificação que empresta seu nome ao estádio, assim como o *Stevenage Road Stand* (Figuras 4 e 5), o Fulham voltou a mandar seus jogos em Craven Cottage, após passar anos alugando o estádio de Loftus Road, pertencente ao Queen's Park Rangers. Enquanto o Charlton e Fulham conseguiram voltar para seus antigos estádios²⁰, outros não tiveram tanta sorte ou até mesmo optaram por abandonar de vez seus campos e se mudar para novos estádios construídos distantes de seus lugares originais. Estas mudanças não foram sem razão e obedeceram a uma tendência geral do futebol inglês dos anos 1990, que é o que analisaremos agora.

²⁰ Os casos dos times do Charlton e Fulham e seus estádios estão descritos em Bale p.86-93, Inglis p.104-113 e Inglis p.163-173.



Figura 4:
Craven Cottage, a edificação que empresta seu nome ao estádio do Fulham, de Londres
fulham.rivals.net/



Figura 5:
Craven Cottage, Stevenage Road Stand, com seu detalhe característico no telhado
fulham.rivals.net/

1.2 O desastre de Hillsbrough e a modernização dos estádios ingleses.

Os estádios de futebol britânicos estão entre os mais antigos ainda em uso no mundo do futebol. Segundo o levantamento de Duke (1994), para o ano de 1994, mais de um terço (34) dos campos dos 92 clubes da liga inglesa está locado no mesmo lugar desde o século XIX, e mais de três quartos (36) destas locações datam de antes da Primeira Guerra mundial. A combinação de estádios antigos e estruturas e planejamentos inadequados para a contenção de grandes números de pessoas reunidas ao mesmo tempo no mesmo lugar, assim como, ocasionalmente, um comportamento excessivo por parte da torcida, contribuíram para uma série de desastres que custaram a vida de mais de 300 torcedores desde a virada do século XIX para o XX. Se desastres ocorrem em outros estádios no mundo, no Reino Unido o número impressiona pela regularidade e frequência com que estas fatalidades ocorreram. Desde 1902, quando uma arquibancada ruiu no estádio de

Ibrox, matando 50 torcedores e ferindo outros 500, até 1985, quando uma arquibancada centenária de madeira do estádio Valley Parade, em Bradford, pegou fogo, matando 56 pessoas, contamos nada mais do que sete tragédias que clamaram vidas de torcedores, seja por superlotação, seja pelo colapso de estruturas antigas.

O pior, porém, ainda estava por vir. Em abril de 1989, jogavam Nottingham Forest e Liverpool no estádio de Sheffield Hillsborough, totalmente lotado. Torcedores do Liverpool sem ingressos amontoaram-se do lado de fora do estádio, em um dos acessos às arquibancadas. Para aliviar o tumulto, a polícia abriu os portões do estádio, permitindo assim à torcida entrar aos montes na arquibancada, separada do gramado através de um alambrado. Na maioria dos campos britânicos, estes alambrados tinham como principal função o controle da torcida, partindo do princípio de contenção e segregação de grandes grupos uns dos outros e do campo, e foram implementados como uma medida que visava civilizar a torcida presente nas arquibancadas (Bale, 1993, p.26-27). Sentido-se comprimida, a torcida implorou à polícia para que abrisse os portões deste alambrado, que davam acesso ao campo, para que a pressão da multidão fosse aliviada. Com medo de que *hooligans* pudessem estar entre a torcida e se aproveitassem do livre acesso ao gramado para atacar jogadores do time contrário, a polícia se recusou a abrir os portões. Quando o fez, já era tarde de mais. Quase cem torcedores jaziam mortos, e centenas se feriram (Giulianotti, 2002, p.103).

Apesar de não ter sido o primeiro desastre em campos de futebol britânicos, a tragédia de Hillsborough chocou não só pelo fato de ter sido transmitida ao vivo pela TV, mas também pela inépcia da polícia em controlar grandes grupos de torcedores. O argumento do perigo de hooliganismo foi abandonado pouco depois, ao se analisar as fitas

do circuito interno de TV do estádio. Possuindo uma visão estereotipada do torcedor de futebol em geral, e do torcedor do Liverpool em particular – reputados mais violentos que os outros – o policial que controlava o sistema de TV assistiu todo o desenrolar da tragédia sem se sensibilizar com o que estava acontecendo, em função do medo generalizado em relação ao fenômeno do hooliganismo.

O desastre teve impacto imediato em relação à reforma dos campos britânicos. O governo britânico agiu rápido e instalou um inquérito para apurar os fatos. Deste inquérito, resultou o documento, publicado em 1990, que ficou conhecido como *Taylor Report*²¹, que identificava os principais problemas inerentes ao futebol britânico – a falta de estrutura dos velhos e ultrapassados estádios, a falta de comunicação entre os organizadores dos campeonatos e os torcedores, a venda de bebidas alcoólicas em partidas oficiais, vista por muitos como um dos principais causadores de distúrbios nos campos, os efeitos do hooliganismo e o racismo no jogo e nos espectadores, e até mesmo o mau comportamento generalizado dos jogadores e da imprensa. Nele, foram recomendadas 76 medidas que teriam uma influência decisiva no processo de modernização dos estádios de futebol britânicos. Dentre elas, podemos destacar as principais:

- A substituição gradual dos *terraces* – os lugares sem assentos onde a torcida assiste ao jogo em pé, o equivalente inglês das *gerais* brasileiras – por arquibancadas com assentos em todos os estádios britânicos até o ano de 2000, seguindo um escalonamento por divisões, que exigia que todos campos da primeira divisão cumprissem esta determinação no começo da

²¹ O *Taylor Report* foi, na verdade, o nono documento versando sobre segurança nos estádios e controle de torcidas em partidas de futebol produzido após ocorrências desastrosas em campos de futebol no Reino Unido desde 1924. Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002.

temporada de 1994, e que os campos de segunda e terceira divisão cumprissem a determinação até o ano de 1999.

- A criação de um conselho que orientasse os clubes em assuntos referentes à construção de novos estádios e a segurança do torcedor neles.
- A eliminação de alambrados possuindo ferros pontudos em seus topos, que não poderiam ultrapassar a altura 2.2 metros.
- A criminalização da venda de ingressos por cambistas.
- A introdução de novas leis que dessem conta de transgressões cometidas dentro dos estádios, incluindo aí canções racistas e o arremesso de objetos no campo de jogo.
- A identificação eletrônica de *hooligans* e transgressores.²²

Temos então que a principal recomendação do *Taylor Report*, como ressalta seu próprio autor, foi a conversão das gerais (*terraces*) em arquibancadas com assentos: “*There is no panacea which will achieve total safety and cure all problems of behaviour and crowd control. But I am satisfied that seating does more to achieve those objectives than any other measure*” (Taylor 1990, *apud* Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002). Estas medidas puseram em questão os significados simbólicos dos estádios britânicos a partir do momento em que o estádio deixa de ser somente a “casa” de uma equipe de futebol – o espaço físico que concentrava em si as representações e significações atribuídas

²² Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002.

a um time de futebol, seus sucessos, fracassos e peculiaridades históricas – transformando-se em mais uma instância geradora de lucros para o clube-empresa, como veremos adiante.

Na prática, as medidas propostas pelo Relatório Taylor significaram uma mudança brusca em toda uma cultura de torcedor, ou subculturas de torcedores, como a elas se refere Giulianotti (Giulianotti, 2002, p.79), envolvendo o comparecimento assíduo a jogos da equipe preferida e rituais específicos praticados no dia de jogo, englobando aquilo que Gaffney chamou de “stadium experience”:

Stadium experiences can be considered to be liminal events where *normative communitas* is formed. Turner defines normative communitas as a type of social bond where the need for organization of resources to reproduce the group and the need for social control is organized into a “perduring social system”. This communitas is the result of a shared sense of purpose among the spectators. They are *insiders*, on their way to engage in dialectical relationships with the event and each other as part of the larger crowd. They are likely wearing the same colors, showing identical iconography, know similar chants and songs, and might flash each other a fist with index and pinky fingers upraised in a gesture of herd-like solidarity. Passive (not entering the gates) experience of stadium space is not unique. Given that stadiums are open to the general public so infrequently, passive experience of the stadium is the most common... The size, location, and importance of the stadium in the lives of individuals ensures that the stadium has been and will continue to be experienced passively on a daily basis. Stadiums are wayfinding mechanisms, nodes of transportation, sites of consumption, and in the case of some stadiums, sites of daily work, leisure and consumption. It is difficult to assess the degree to which the passive experience of stadium space has on the culture at large. At the very least, we can assert that these experiences of space help to construct the stadium as an important and conceptually dominant element of the cultural landscape.²³

²³ Gaffney “Stadium” & “The spatial dialectics of the stadium”, <https://webpace.utexas.edu/stadium/www/geostadia/Writings/thespatialdialecticsofthestadium.pdf>



Figura 6: Craven Cottage, The Putney End, um *end terrace* exemplar, antes das reformas de 2004
fulham.rivals.net/



Figura 7: Craven Cottage, The Putney End, após as reformas. Os degraus foram cobertos por cadeiras e o setor foi coberto
fulham.rivals.net/

Uma das principais características destas subculturas, porém, parece ser o fato de estarem muitas vezes enraizadas em espaços específicos do estádio de futebol²⁴, sendo assim diretamente afetadas, uma vez que a exigência de estádios cobertos de assentos em suas arquibancadas foi feita às custas do espaço mais topofílico do futebol bretão, os *end terraces*, os *kops*, presentes em virtualmente todos campos de futebol até meados da década de 1990. Era nestes espaços onde tradicionalmente se acomodavam não somente a torcida de base operária dos clubes, mas também aqueles torcedores que possuíam uma relação mais visceral com sua equipe de futebol, para os quais a tranqüilidade, o conforto e a civilidade das cadeiras cobertas dos *stands* e *mainstands* não proporcionavam a excitação e o prazer por eles procurados. A sua substituição por arquibancadas com assentos (Figuras 6

²⁴ Várias torcidas organizadas européias derivam seus nomes a partir de espaços e localidades específicas dos estádios de suas equipes preferidas, como é o caso dos madrilenhos *Ultra Sur*, que se posicionam na curva sul do estádio Santiago Bernabéu, e o *Commando Ultra Curva Sud* dos torcedores da AS Roma que delimitam seu território na curva sul do Estádio Olímpico, por exemplo. O estádio de futebol pode ser um poderoso meio de territorialização, como mostrou C. Bromberger para o caso do estádio Vélodrome em Marselha, com sua intrincada compartimentalização que obedece a lógicas econômicas, raciais, de idade e de nacionalidade. Cf. Bromberger 1995.

e 7) deixou marcas indeléveis nesta subcultura, romantizadas agora como uma curiosidade de uma época de ouro do futebol, mais autêntico e menos comercial. A sessão “*Things you don't see at football anymore*” n. 11, *Standing up waiting for the game to start* da revista WSC 212 (Figura 8), nos dá uma pequena amostra tanto de uma faceta do citado “stadium experience” quanto da subcultura dos torcedores que freqüentavam os *end terraces*.

Things You Don't See at Football Anymore
No 11 Standing up waiting for the game to start

The phenomenon
In the days of terraces, big crowds and paying at the gate, the keen fan arrived very early and stood for 90 minutes or more just waiting for the match to begin. You could make sure of a good view by occupying a prime spot – at the front, at the very back, on a crush barrier – and holding it against late-comers.

It was a surprisingly interesting experience: the rush for the best spots; the slow building of the crowd; the inspection of the pitch by the besuited players (first cheers/boos); the chanting of the rival ends; the spluttering of the public address finally acknowledging the presence of the crowd and introducing the marching band or the discs available at the local record shop; reading the programme; marking down team changes; talking about the match to come; feeling the physical pressure grow around you until at last the teams wandered out to kick-in and you could unleash the toilet roll you'd been holding on to for the past hour and a half.

The high and low points
It was all part of the British tradition of queuing, of the idea of patience rewarded, of an occasion

more valued simply by the time invested. Stuck on the terraces you couldn't spend anything – unless there was a trackside vendor to throw your money at in return for a bag of roasted peanuts hurled in your general direction.

As for spending a penny, there was always a fine balance between the time you could move but didn't want to and the time you couldn't move but rather wished you had. This, too, could last for the next 90 minutes.

Last seen
The packed-to-capacity terrace did make it into the 21st century at smaller stadiums such as Oxford's Manor Ground and Brentford's Griffin Park, though usually on an all-ticket basis. Nevertheless the crowd was still taking position over an hour before kick-off.

Replaced by
Standing in front of your seat for 20 minutes waiting for the second half to begin. Sitting in the club car park for 90 minutes after the game, listening to banal text messages via local radio from other fans stuck elsewhere in the car park.

Roger Titford



Figura 8: When Saturday Comes 212, outubro 2004. O colunista relata o fim da cultura dos *terraces* britânicos

Outro testemunho valioso do ponto a que pode chegar a identificação dos torcedores ingleses com os *terraces* está presente no livro *Febre de Bola (Fever Pitch)* de Nick Hornby, editado em 1992, ou seja, no bojo dos debates acerca das mudanças propostas e exigidas pelo *Taylor Report*. Apesar da citação extensa, acreditamos ser o testemunho de Hornby – um torcedor declaradamente obcecado e dedicado ao extremo a sua equipe preferida, o Arsenal de Londres – extremamente valioso para esboçarmos um panorama do estilo de torcida da época dos *terraces* do futebol britânico. Nesta parte do livro, Hornby está comentado os eventos que levaram ao citado desastre em Hillsborough em 1989:

Aquilo poderia ter acontecido em qualquer lugar. Poderia ter acontecido em Highbury²⁵... Um inquérito seria realizado e a culpa seria atribuída a alguém. Mas não seria certo; pois a coisa toda se baseava numa premissa totalmente ridícula... A premissa era a seguinte: estádios construídos por volta de cem anos antes podiam acomodar entre 15 e 63 mil pessoas sem que essas pessoas se ferissem... Por décadas a fio, em grupos compactos de 10 a 12 mil, aquelas pessoas vinham se postando de pé sobre arquibancadas de concreto muito íngremes e em alguns casos até rachadas, às vezes reformadas, mas essencialmente inalteradas. Mesmo nos tempos em que os únicos mísseis lançados ao ar eram bonés achatados, a insegurança era patente. Quando o futebol virou um palco de guerra entre as gangues, e a repressão e não a segurança passou a ser prioritária (novamente os tais alambrados), uma tragédia de grandes proporções passou a ser inevitável. ...aquilo teve causas específicas, mas em última análise o responsável foi nosso modo de assistir aos jogos, em meio a multidões que são grandes demais e em estádios que são velhos demais... A famosa recomendação do Relatório Taylor, na minha opinião justificada, foi que todos os estádios deveriam ser cobertos por cadeiras... Alguns torcedores querem continuar assistindo de pé. (Não, acho eu, porque assistir em pé seja uma maneira intrinsecamente superior de ver um jogo – pois não é. É desconfortável, e

²⁵ Nome do estádio pertencente à equipe londrina do Arsenal.

qualquer pessoa com menos de 1,85m fica com visão limitada. Os torcedores temem que o fim da cultura das arquibancadas²⁶ signifique o fim do barulho, da atmosfera, e de todas as coisas que tornam o futebol memorável...) Já escutei e li os argumentos de centenas de torcedores que discordam do Relatório Taylor, e que vêem o futuro do futebol como uma versão modificada do passado, com arquibancadas mais seguras e instalações melhores, em vez de algo radicalmente diferente. E o que mais me impressiona são as ligações sentimentais conservadoras e quase neuróticas que esses argumentos evocam – num certo sentido, a mesma espécie de ligação sentimental neurótica que norteia este livro (Hornby, 2000, p.216-224).²⁷

Mais adiante, Hornby relata os motivos pelos quais abandonou os *terraces* e migrou para as arquibancadas cobertas e com assentos do estádio de Highbury:

Você simplesmente se cansa. Cansei-me das filas, do aperto, de ser empurrado por metade da arquibancada toda vez que o Arsenal marcava e de fato minha visão do gol mais próximo ficar sempre parcialmente obscurecida nos grandes jogos, e me pareceu que poder chegar ao estádio dois minutos antes do ponta-pé inicial sem ter problema algum era bastante atraente. Na verdade não senti falta das arquibancadas, e na realidade até gostei mais de tê-las ao fundo, com seu barulho e colorido, do que gostava de ficar em pé nelas (*Idem*, p.231).

Temos então, que a substituição destes lugares populares dos estádios britânicos por arquibancadas com assentos foi um passo decisivo para o processo de civilização dos estádios de futebol britânicos. Não foi uma medida, porém, tomada isoladamente.

²⁶ Na edição brasileira do livro, a palavra *terrace* foi traduzida por *arquibancada*.

²⁷ Hornby posteriormente roteirizou e transformou seu livro em uma peça de cinema de mesmo nome que, juntos, formam um interessante panorama do futebol inglês pré-*Taylor Report*.

A principal delas parece ter sido o gerenciamento da torcida em dias de jogo. A segurança dentro dos estádios foi transferida da polícia local para os próprios organizadores do evento, através de seguranças particulares desarmados e pessoal de apoio treinado especificamente para eventos futebolísticos. O policiamento foi remanejado para organizar a torcida em seu acesso ao estádio e para evitar que torcidas contrárias se encontrem e confrontem em seus arredores, muitas vezes escoltando torcedores visitantes em seu trajeto dos meios de transporte de massa até o estádio. Tais medidas efetivamente diminuíram o número de confrontos de torcedores entre si e com a polícia, tanto dentro do estádio como em seu entorno, mas só foram realmente efetivas aliadas a um aumento brutal da vigilância do torcedor, através de câmeras de monitoramento.

Como nos informa Giulianotti, a partir da década de 1970, a utilização de câmeras de monitoramento deixou de ser exclusiva a instalações militares e fábricas e passou a ser usada no espaço público em geral: grandes avenidas, shoppings, estacionamentos, passaram a ser monitorados a ponto de, no ano 2000, o Reino Unido possuir mais de 500 mil câmeras monitorando suas ruas e transeuntes (Giulianotti, 2002, p.111). Os estádios de futebol parecem ter sido os lugares onde se experimentou pela primeira vez a vigilância em espaços públicos (*Idem, Ibidem*), sendo usados circuitos de tecnologia avançada de vigilância acoplados a uma unidade central de controle, muitas vezes conectada ao serviço de inteligência da polícia (Figura 9). Uma vez que o torcedor compra um ingresso numerado, correspondente a um assento específico do estádio, e que cada um dos assentos é constantemente vigiado pelo circuito interno de TV, o antigo comportamento da torcida, descrito acima por Nick Hornby – barulhenta, colorida e inquieta, especialmente em ocasiões de gol – foi forçosamente transformado. Se nos antigos estádios

o mais importante era sua participação [da torcida] nos acontecimentos das arquibancadas, cantando e desfraldando bandeiras; ou simplesmente oscilando entre a massa abarrotada de torcedores em harmonia com os acontecimentos distantes em foco no gramado. Hoje, essa experiência topofílica é comumente proibida dentro dos campos de futebol modernos do Reino Unido. Os seguranças expulsam aqueles que se levantam e obstruem a visão dos outros. Os torcedores que gritam nas partidas de futebol podem ser acusados de transgredir a ordem pública de acordo com a legislação recente(...) A liberação mais calma, mais pessoal ou familiar nas arquibancadas substituiu a antiga paixão quase religiosa do carnaval da torcida nas arquibancadas (*Idem*, p.110).

Temos então que a reforma dos estádios, aliada a uma intensa vigilância do torcedor dentro e fora deles e a novas legislações no sentido de criminalizar o comportamento anteriormente visto como “normal” do torcedor, contribuíram para a formação de corpos cada vez mais dóceis e obedientes em partidas de futebol. Coletividades estão dando seu lugar a indivíduos numerados, facilmente identificados através de seu ingresso e assentos numerados, separados agora não mais pela lógica do pertencimento social, mas sim pela do pertencimento clubístico e pela lógica da segurança (Bale, 1993, p.30).



Figura 9: White Hart Lane, Londres. Cabine de controle e do sistema interno de TV
Inglis, Simon. *Football Grounds of Britain*, 1996

Capítulo 2: A construção dos estádios e da nação no Brasil

Quando Oscar Cox retornou ao Rio de Janeiro em 1897, trazendo sua bola e uniforme de jogador de futebol, depois de uma temporada na Suíça, os principais esportes praticados por aqui eram o ciclismo, a caminhada, o turfe, o remo e a prática do banho de mar como forma de lazer. Apesar de já conhecida, a prática do futebol estava restrita aos clubes formados por ingleses ou a algumas exibições de marinheiros de navios estrangeiros atracados no cais do porto. Nos pátios de alguns colégios mais elegantes, algumas partidas também eram disputadas durante o recreio, de forma bem semelhante aos jogos disputados nas escolas inglesas na primeira metade do século XIX: “aos berros, aos pontapés e aos empurrões” (Pereira, 2000, p.21).

O que Oscar Cox trazia de diferente era justamente a forma de o jogo ser disputado, pois ele trazia consigo uma cópia das regras como elas eram definidas pela *Football Association* inglesa.

Nos anos seguintes, a prática do jogo foi estimulada principalmente a partir da iniciativa dos clubes ingleses. Porém, em 1902, foi fundado o primeiro clube voltado especificamente para a prática do futebol, o Rio Football Club, participando de sua diretoria tanto ingleses quanto brasileiros. Poucos dias depois era fundado o Fluminense Football Club, também fundado exclusivamente para a prática do futebol e cuja diretoria era na sua maioria brasileira. Seu presidente era Oscar Cox.

Parece que o novo jogo teve uma boa aceitação na população carioca. Em 1903 era fundado o Football and Athletic Club e em 1904 o Botafogo Football Club, o América Football Club e o Bangu Athletic Club, time da fábrica de tecidos Companhia Progresso

Industrial, situado no Bairro de Bangu. Em 1905 já se contavam 18 clubes dedicados à prática do futebol na cidade do Rio de Janeiro (Pereira, 2000, p.35), todos eles formados por jovens da “boa sociedade” carioca, doutores, literatos e bacharéis da cidade²⁸. Sendo assim, a prática do futebol logo assumiu um caráter elitista e, assim como uma gama de outros esportes e atividades corporais que já estavam a ser introduzidas na sociedade brasileira à época, ia no sentido da imposição de uma nova atitude corporal voltada para a prática esportiva, um dos elementos civilizadores do ideário burguês importado da Europa.²⁹

A popularidade do esporte continuou a crescer e por volta de 1910 ultrapassou o remo como o esporte favorito da população carioca, com a proliferação de clubes suburbanos, não mais aristocráticos, por toda a cidade.

Se em 1907 constavam do noticiário dos grandes jornais cariocas cerca de 77 clubes de diferentes perfis sociais, em 1915 apareciam 216 só nas páginas do jornal *O Imparcial* – tendo quase triplicado, em oito anos, o número de clubes futebolísticos no Rio de Janeiro (...) De elemento de diferenciação o futebol transformava-se assim em uma prática que, admirada por todos, ganharia uma força social somente experimentada até então por eventos como o carnaval – que já conseguia há tempos empolgar parcelas muito diferentes da população carioca (Pereira, 2000, p.127).

Como ressaltou Gilmar Mascarenhas, a “forma urbana não estava preparada para abrigar o amplo leque de novos eventos sociais introduzidos pela súbita *epidemia* de febre

²⁸ Os “universitários do futebol” como a eles se refere Mário Filho, em oposição aos “praticantes elementares das classes populares”. Leite Lopes, 2004, p.128

²⁹ Para a “civilização” da população e do espaço urbano do Rio de Janeiro no início do século XX, cf. Pereira (2000), de Jesús (1999) e Herschman & Lerner (1993).

esportiva e seu forte apelo ao espetáculo” (Jesus, 1999, p.23). Em outras palavras, não havia locais ou pistas especiais construídas especificamente para a prática e o divertimento com o esporte, nem os clubes cariocas de futebol possuíam um terreno adequado para a prática do futebol na cidade. Excetuando-se o Fluminense, cujos sócios eram extremamente abastados, e logo compraram um terreno no bairro das Laranjeiras (onde permanece até hoje) para organizar seus treinos e partidas, e o Bangu, que dispunha dos terrenos circundantes à fábrica que emprestava seu nome à equipe, clubes como o Flamengo, o Botafogo e o América encontravam dificuldades em encontrar um terreno no qual pudessem se assentar. Os primeiros campos do Botafogo e do Flamengo, por exemplo, seguiram a trajetória percorrida pelo futebol em seus primórdios na Inglaterra, quando ainda não havia normas que delimitassem espacialmente a prática do jogo, como vimos anteriormente. Os garotos que fundaram o Botafogo treinavam em uma praça no bairro do Humaitá, as palmeiras imperiais lá presentes delimitando as laterais e as metas dos gols (Pereira, 2000, p.35). Os jogadores do Flamengo, por sua vez, praticavam no gramado da praça do Russel, no bairro do Flamengo, não havendo nada que separasse, no gramado, os jogadores que treinavam e a grande quantidade de pessoas que lá compareciam para assistir aos treinos (Leites Lopes, 2004, p.129).

O primeiro grande estádio de futebol, não só do futebol carioca, mas mesmo brasileiro, só seria construído em 1919, pelo Fluminense, por ocasião da disputa do terceiro campeonato sul-americano de futebol, sediado no Rio de Janeiro (Figura 10).

Neste momento, o jogo já despertava um interesse significativo na imprensa, que noticiava os preparativos para o campeonato e a construção do estádio das Laranjeiras já em agosto de 1918, cerca de um ano antes da partida inaugural. O entusiasmo da população

em geral e a importância dada ao evento pelos meios de comunicação era tal que um jornalista chegou a dizer que a “vida nacional tem agora por cenário o *stadium* do Fluminense”, enquanto outro afirmava que o público que assistisse às partidas do selecionado brasileiro estaria dividido entre “as duas grandes classes, que hoje em dia constituem a quase totalidade do povo brasileiro – os torcedores e as torcedoras” (Pereira, 2000, p.136).

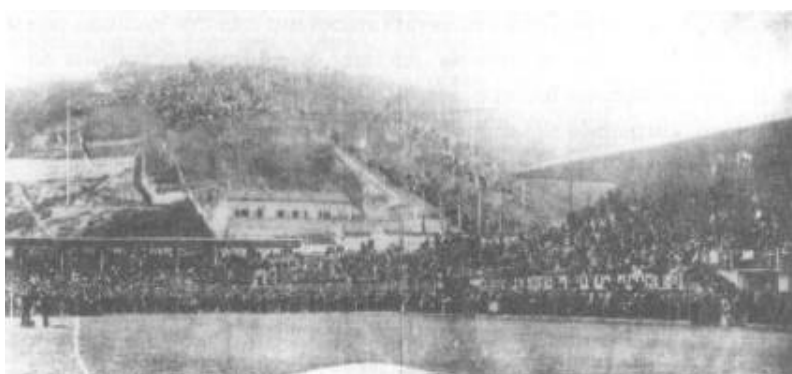


Figura 10: Laranjeiras, 1919, dia da final da Copa Sul-americana, contra o Uruguai. Pereira, Leonardo, *Footbalmania*, 2000.

Esta afirmação mascarava, porém, o fato de que o futebol brasileiro, apesar de já existirem vários times cujos jogadores eram trabalhadores braçais ou comerciantes, ser ainda, essencialmente, um esporte da elite. Isto era refletido no preço dos ingressos cobrado para os embates da copa sul-americana. Como nos diz Pereira:

Os ingressos, vendidos em diversos estabelecimentos comerciais espalhados pela cidade, custavam 5\$000 para as arquibancadas e 3\$000 para as gerais – preço que, equivalente a um quilo de bacalhau, duas entradas para o cinematógrafo ou uma assinatura mensal de *O Paiz*, afastava do estádio muitos dos interessados pelo jogo. Apesar disto, as arquibancadas e as gerais enchiam-se a cada disputa dos brasileiros (*Idem, Ibidem*).

O preço alto dos ingressos não impedia o comparecimento maciço da torcida: algo entre 25 e 40 mil torcedores compareceram aos jogos da seleção brasileira no campeonato, vencido pelos brasileiros às custas do time uruguaio. O alto preço, inclusive das *gerais*, não só no campeonato sul-americano de 1919, mas também nos jogos válidos pelo campeonato da Liga Metropolitana, entidade que agregava os clubes de futebol cariocas, acabava “reproduzindo no campo e na arquibancada uma seleção social que reunia famílias das elites do Rio e de São Paulo” (Leite Lopes, 2004, p.127).

O campo de Laranjeiras permaneceu pouco tempo, porém, como o principal estádio brasileiro. Em 1927 foi suplantado pelo estádio de São Januário, construído pelo clube do Vasco da Gama. Sua construção em menos de um ano é reveladora das tensões existentes entre o profissionalismo e o amadorismo no futebol brasileiro de então.

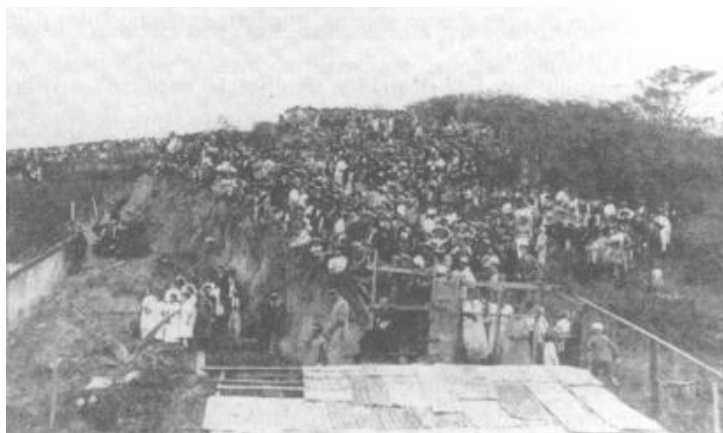


Figura 11: Torcedores se aglomeram nos morros ao redor das Laranjeiras para poder assistir ao jogo final da Copa Sul-americana. Pereira, Leonardo, *Footbalmania*, 2000

2.1 A construção dos estádios de São Januário e Pacaembu e sua utilização pelo governo varguista

Clube da colônia portuguesa do Rio de Janeiro, o Vasco da Gama estava, até 1922, disputando a segunda divisão da Liga Metropolitana, por ele conquistada neste ano. No ano seguinte, o Vasco foi apontado como um dos favoritos ao título da primeira divisão de 1923, o que de fato aconteceu. Seu segredo era o aproveitamento de jogadores independentemente de cor ou classe social, recrutados nas peladas e nos clubes pequenos dos subúrbios da zona norte da cidade. A lógica de recrutamento priorizava, na verdade, a habilidade em campo dos jogadores,³⁰ e o fato de eles serem mantidos pelo clube em um regime semi-profissional, no qual ficavam disponíveis em tempo integral ao clube, dispondo portanto de um período maior de treinos e aprontos, também contribuiu muito para o sucesso da equipe. Para aqueles jogadores que possuíam uma profissão,³¹ havia alimentação e ajuda material para que pudessem sobreviver sem ter de depender de um salário fixo. Como notou Leite Lopes, a heterogeneidade social da equipe do Vasco da Gama apontava não só para a crescente popularização como também para a proletarização do esporte “através do recrutamento universalista dos melhores jogadores suburbanos” e ao “aburguesamento e monetização do futebol – cujas rendas das partidas apresentavam somas vultuosas de dinheiro” (Leite Lopes, 2004, p.134-135). Novamente alguns números referentes aos lucros obtidos com a venda de ingressos podem ilustrar a situação:

³⁰ Mesmo assim, como ressalta Mario Filho, se houvesse um jogador preto, mulato e um branco com a mesma habilidade, “o Vasco ficava com o branco”. Filho, 1964, p.120.

³¹ Segundo nos diz Mario Filho, o time do Vasco de 1923 possuía um *chauffeur*, alguns operários da fábrica de Bangu aliciados pelo Vasco, e jogadores de futebol já em tempo integral. Filho, 1964, p.120.

Mais do que diversão e paixão, o futebol tornara-se, com os anos, uma importante fonte de renda para os clubes. No jogo realizado em julho daquele ano (1923) contra o Flamengo, o Vasco arrecadara a quantia recorde de 37:000\$000. Levando-se em conta que em jogos como a disputa entre o Botafogo e São Cristóvão em 1918 eram vendidas 1,025 entradas para as gerais e 1,074 para as arquibancadas, gerando uma renda total de 3:173\$000, notava-se um significativo incremento na força comercial do esporte (...) O grande incremento do público, transformando o futebol em assunto sério, gerava para os clubes e ligas uma fonte de receita da qual a maior parte não poderia prescindir (...) Iniciativas como a do Vasco mostravam, assim, que, mais do que simples diversão, o futebol transformara-se para esses grandes clubes em um negócio rentável e promissor (Pereira, 2000, p.309).

Percebemos então que o futebol, apesar de sua estrutura amadora, estava a se tornar uma atividade cada vez mais lucrativa para os clubes que mantinham equipes que disputavam o campeonato promovido pela Liga Metropolitana. O êxito da equipe do Vasco da Gama trazia uma ameaça ao *establishment* formado pelas principais equipes cariocas, defensoras de um *ethos* exclusivamente amadorista, na qual qualquer ocupação para além da prática esportiva constituía-se como uma quebra destes valores. O engajamento em qualquer outra atividade “representava uma provável tendência a desvalorizar a prática do esporte, já que este passaria a ser uma segunda opção, portanto, não merecedor de tanta dedicação, ficando o serviço remunerado (...) em primeiro lugar, como prática de sobrevivência” (Malhano & Malhano, 2002, p.85).

Os antigos clubes da Liga Metropolitana, formados e fundados pelos filhos da “boa sociedade” carioca logo reagiram a esta intrusão de um clube cujo maior atrativo aos

jogadores era justamente a obtenção de alguma renda que lhes permitisse praticar o esporte de forma exclusiva. Como notaram Dunning e, mais recentemente, Leite Lopes (2004), “o preceito e as práticas do amadorismo voltam-se para a exclusão dos *outsiders*”. No ano seguinte à surpreendente conquista vascaína de 1923, os clubes da elite amadora desligaram-se da Liga Metropolitana e fundaram uma outra, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), que exigia que todos seus filiados possuíssem sua própria sede social e campo de futebol, o que não ocorria com o Vasco da Gama. Além disso, foram conduzidas, posteriormente, várias investigações para verificar a vida dos jogadores dos clubes candidatos à AMEA, os meios de manutenção destes jogadores e sua dedicação ao amadorismo. Uma outra medida tomada pela liga foi a exigência de os jogadores e os filiados saberem ler e escrever. Sendo assim, os procedimentos destas investigações “traziam embutidas diversas distinções e preconceitos de classe” (Leite Lopes, 2004, p.136) entre eles o pertencimento do jogador a uma classe que lhe permitisse ter gastos com a prática esportiva, o domínio de maneiras refinadas no trato social em eventos nas sedes sociais dos clubes ou nas excursões a países vizinhos em competições amistosas internacionais e a escolaridade dos jogadores.

O fato é que os dirigentes vascaínos conseguiram driblar todas as exigências feitas pelos diretores amadores da AMEA baseadas na distinção social, seja oferecendo empregos de fachada aos seus jogadores, seja ensinando-lhes a ler e a escrever de forma correta, nem que fosse somente para assinar seus próprios nomes. O que deixou o Vasco de fora do campeonato organizado pela AMEA em 1924 foi o fato de não possuir um estádio de futebol próprio.

A colônia portuguesa carioca logo se organizou e levantou uma soma de dinheiro suficiente para que a construção do estádio de São Januário, no bairro de São Cristóvão, começasse em junho de 1926, sendo concluído onze meses depois, em abril de 1927. Com capacidade para até 50 mil torcedores, São Januário era então não só o maior estádio da cidade como de todo Brasil, até a conclusão do estádio municipal do Pacaembu, na cidade de São Paulo, em 1940 (Figura 12). A construção do estádio de São Januário respondia não só ao cumprimento de uma exigência esportiva quanto a uma exigência econômica, face o aumento vertiginoso da torcida vascaína na década de 1920 e a oportunidade do clube gerar dividendos que o mantivessem através da renda obtida em jogos disputados em seu novo estádio.



Figura 13: São Januário, inaugurado pelo Vasco em 1926.
www.footballgroundz.co.uk/

(...) o aumento projetado pelo Vasco não era um excesso cuja lógica residiria na honra da resposta à discriminação sofrida: a qualidade trazida por sua equipe, o crescimento da torcida vascaína com a mobilização da colônia, assim como a oposição das outras torcidas ao clube português aumentaram

muito a afluência do público. Tanto assim que os grandes clubes aceitaram, por razões econômicas, a incorporação do Vasco antes mesmo do término do seu estádio (Leite Lopes, 2004, p.135).³²

Temos então que a construção de São Januário se deu em um contexto de embates entre o amadorismo e tendências profissionalizantes no futebol carioca, que só seriam resolvidos na década seguinte, com a adoção final do profissionalismo, por decreto, pelo governo Vargas. Porém, além de ter sido, sem dúvida, peça fundamental na formação das equipes vascaínas vitoriosas da década de 1930 e 1940³³, ao proporcionar meios através dos quais o clube pôde contratar jogadores profissionais, o que mais marcou a história do estádio foi o seu uso pelo governo Vargas a partir de 1930, quando foi utilizado para a organização de grandes manifestações cívicas nacionais.

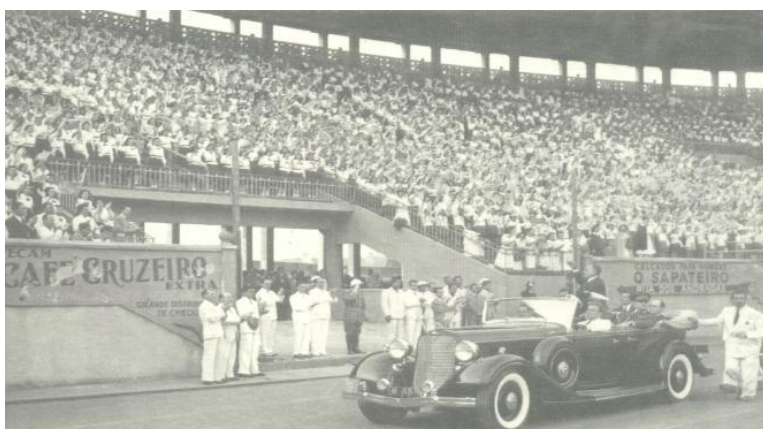


Figura 14: Getúlio Vargas nas comemorações do 7 de setembro, em São Januário. Malhano, Clara & Malhano, Hamilton B. *Memória social dos esportes. São Januário – Arquitetura e História*, 2002.

Se por um lado o estádio foi palco, através da equipe do Vasco da Gama – pivô do movimento de profissionalização do futebol carioca, que acabou por provocar uma relativa

³² De fato, o Vasco já havia sido readmitido na AMEA em 1925.

³³ O Vasco da Gama dominou o futebol carioca na década de 40, quando formou a equipe que ficou conhecida como “expresso da vitória” e que forneceu vários jogadores à seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil.

democratização do futebol brasileiro, em relação à incorporação de fato de jogadores negros, mulatos e da classe trabalhadora e também em relação à incorporação de um público amplo e de massas (Leite Lopes, 2004, p.145) – por outro foi palco também de manifestações não esportivas, cívicas, promovidas pelo estado varguista, tais como a promulgação das leis trabalhistas e a instituição de um salário mínimo para o trabalhador e as festas anuais do 7 de setembro (Figura 14), trazendo para o seio do estado brasileiro um público mais amplo e de massas, constituindo-se assim como um verdadeiro “galvanizador do povo” na busca da integração nacional pelo estado varguista:

Não se tratava, apenas, da valorização oficial do futebol como expressão da ‘grandeza da pátria’. Tratava-se, igualmente, da utilização dos próprios espaços físicos do esporte de massas para realizar grandes manifestações cívicas evocativas da integração nacional (Malhano & Malhano, 2002, p.10-11).

Tal uso dos estádios de futebol pelos clubes e pelo governo parece não ter se restringido ao campo de São Januário. Em 1938, o Botafogo Football Club³⁴ inaugurava seu novo estádio de General Severiano no bairro de Botafogo, após ter abandonado seu primeiro campo com arquibancadas no Humaitá (Figura 15).

³⁴ Fundado em 1904, o Botafogo Football Club em 1942 se fundiu com o Clube de Regatas Botafogo – fundado em 1894 – surgindo assim o atual Clube Botafogo de Futebol e Regatas.

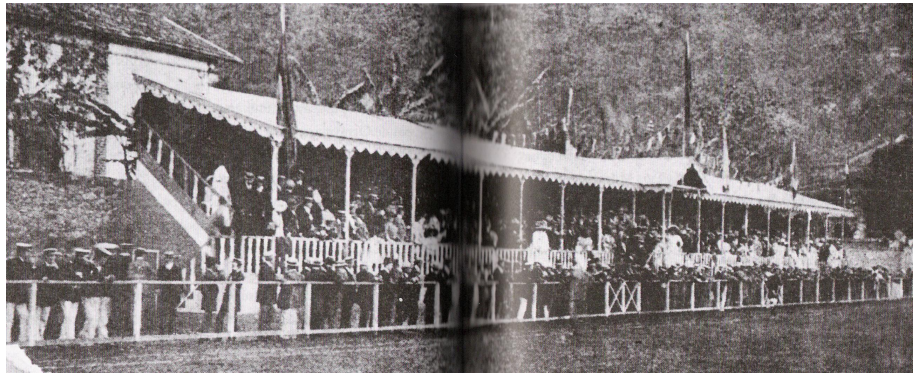


Figura 15: Primeiro campo da equipe do Botafogo, situado onde está hoje o mercado da Cobal, no Humaitá. Napoleão, Antonio. *Botafogo de Futebol e Regatas. História, conquistas e glórias no futebol, 2000.*

Com capacidade para 30 mil torcedores, a inauguração contou com a presença do presidente Getúlio Vargas. No centro do gramado do estádio foi desenhado um gigantesco mapa do Brasil, com os estados da União desenhados em cores diferentes e em baixo-relevo, dentro dos quais, respectivamente, foi depositado um punhado de terra proveniente do estado correspondente (Napoleão, 2000, p.19-20) (Figura 16).



Figura 16: Estádio de General Severiano, inaugurado pelo Botafogo em 1938 no bairro que lhe empresta o nome. Napoleão, Antonio. *Botafogo de Futebol e Regatas. História, conquistas e glórias no futebol, 2000.*

Se o estádio de General Severiano não presenciou as inúmeras festas cívicas promovidas em São Januário, sua inauguração retrata bem a posição que o futebol e seus estádios ocupavam no projeto do governo de integração nacional. Se lembrarmos a citação anterior referente ao campo que o Fluminense construiu em 1919, quando um jornalista observou que dentro do estádio tricolor não havia diferenças de classes, somente de gênero³⁵, começamos a perceber que a função integradora dos estádios de futebol, pelo menos na capital do Rio de Janeiro, não foi uma invenção do presidente Getúlio Vargas e seus ministros, mas já vinha de alguma data.

Em São Paulo, a construção do Estádio Municipal do Pacaembu parece ter seguido o mesmo padrão que encontramos no caso do estádio de São Januário. Desde o início da década de 1920, os antigos estádios da cidade, com capacidade inferior a 30 mil pessoas, já não comportavam o crescente número de torcedores que a eles afluíam em dias de jogo. Iniciada no momento de transição do amadorismo para o profissionalismo, a construção do Pacaembu será concluída em 1940, dando à cidade um estádio com uma capacidade total de 70 mil espectadores, ultrapassando assim São Januário.

O estádio do Pacaembu, porém, não foi construído apenas para ser um parque esportivo: a intenção das autoridades responsáveis por sua construção, imbuídas de uma nova concepção de intervenção no espaço urbano era erguer mesmo um monumento, um espaço próprio para abrigar manifestações cívicas e políticas. Como vimos anteriormente com o caso de São Januário, o estádio de futebol ocupou, durante o regime varguista, um lugar central na construção desta nova identidade nacional brasileira, além de ser peça fundamental na sustentação do próprio regime. Como nos diz Negreiros:

³⁵ cf. supra p.29

Podemos considerá-lo (o Pacaembu) como um monumento que traduz a própria síntese dos anos 30, pois esse estádio tem a sua construção efetivada num momento de extrema valorização das atividades físicas e das manifestações cívicas envolvendo multidões (...) Além das atividades esportivas e artísticas, o estádio teria uma destinação muito especial: abrir espaço para as grandes manifestações políticas, com “sentido cívico”. Ou seja, as atividades esportivas deveriam estar intimamente vinculadas às manifestações de civismo (...) Uma das formas básicas de sustentação do regime autoritário foram as manifestações de massa, sempre objetivando dar visibilidade à figura de Vargas enquanto um dirigente político próximo à população (Negreiros, 1998, p.126-137).

Para a inauguração de tal monumento, do maior estádio de futebol do Brasil, era imperativo uma comemoração à altura, uma inauguração também monumental “que cale profundamente no espírito brasileiro e das Américas”. Além dos desfiles militares, cívicos e esportivos, das demonstrações de atividades desportivas em várias modalidades, a presença das autoridades paulistas e a entoação do Hino Nacional³⁶ foi preparada também a chegada e o hasteamento da bandeira nacional, vinda da capital do Rio de Janeiro, que iniciaria sua viagem a partir do antigo estádio das Laranjeiras, primeiro estádio de futebol do Brasil, simbolizando assim o começo de uma nova era do futebol brasileiro:

No dia 27 de abril, chegará a São Paulo uma Bandeira Nacional, conduzida por entre as cidades da estrada de rodagem Rio-São Paulo, que é oferecida pelo Fluminense FC, e do seu estádio enviada como homenagem do 1º estádio construído no Brasil, ao Estádio do Pacaembu. Segundo instruções particulares enviadas aos prefeitos das cidades citadas, será essa bandeira recebida em cada uma delas com festejos cívicos (*Idem*, p.149).

³⁶ Para uma descrição completa das festividades programadas para a inauguração do estádio, cf. Negreiros, 1998.

É interessante notar ainda, que foram também as divisões de classe que nortearam a “etnologia social” da construção do Pacaembu, da mesma forma como aconteceu com os estádios ingleses, como vimos acima anteriormente.

A lotação do estádio variará naturalmente com o critério de determinação dos lugares. Adotando-se a norma, aqui habitual, de considerar a primeira classe sentada e o restante quase todo de pé, a lotação normal será de 60 mil espectadores para o futebol (*Idem*, p.139)

À primeira classe, estariam reservadas as arquibancadas (cobertas), estando destinadas aos outros torcedores comuns, as arquibancadas sem assento e as *gerais* (Figura 17). O Pacaembu não seria, porém, o grande estádio da nação brasileira. Dez anos mais tarde, um estádio ainda mais monumental seria construído especialmente para a disputa da Copa do Mundo de 1950: o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.



Figura 17: O estádio do Pacaembu, no dia de sua inauguração, em 1940.

2.2 A construção do Maracanã, “coração do Brasil”

José Sérgio Leite Lopes chamou o estádio do Maracanã, em um artigo publicado em 1998, de “coração do Brasil” (Leite Lopes, 1998). Construído para a disputa da Copa do Mundo, o estádio marcaria mais uma nova etapa do futebol brasileiro. A execução das obras esteve a cargo da prefeitura do Rio de Janeiro, mas o seu uso, a princípio, não estava destinado às equipes de futebol cariocas. Ao contrário de São Januário, um estádio privado, e do Pacaembu, erguido para atender aos torcedores e as equipes paulistas, o Maracanã foi construído para ser a sede da equipe brasileira que iria disputar o campeonato mundial de 1950, a equipe que representaria o Brasil frente às outras nações que disputassem a Copa. O estádio foi palco de cinco das seis partidas disputadas pelo selecionado brasileiro na competição, incluindo a final. Somente uma foi disputada em São Paulo, no Pacaembu, contra a Suíça, um empate de 2x2. Frente à reação hostil da torcida paulista após este resultado inesperado, ficou decidido que todos os jogos restantes do Brasil seriam disputados no Maracanã. Enquanto estava no Rio, o time brasileiro passou boa parte de sua preparação e “concentração” no estádio de São Januário.

Os jogos seguintes do selecionado brasileiro³⁷ são acompanhados intensamente pela população carioca, que comparece em peso ao estádio para apoiar o time. Como notou Leite Lopes (*idem*, p.135), é a partir da Copa de 50, e mais precisamente destes jogos da seleção que seguiram ao empate contra a Suíça no Pacaembu, que tem início uma comunhão entre a equipe de futebol brasileira e a torcida, com o grande número de

³⁷ A campanha do Brasil na Copa foi a seguinte: Brasil 4x0 México; Brasil 2x2 Suíça; Brasil 2x0 Iugoslávia; Brasil 7x1 Suécia; Brasil 6x1 Espanha; Brasil 1x2 Uruguai.

torcedores presentes (todos os jogos após o empate em São Paulo são assistidos por um público acima dos 100 mil torcedores), muitos vindos de outros estados, e a presença marcante do público feminino, todos cantando o hino nacional a cada apresentação da equipe brasileira (*Idem, ibidem*).

Podemos creditar esta comunhão entre o esporte brasileiro e a torcida – para além da campanha dos rádios e dos jornais de época, que convocaram a torcida carioca e os instigaram a ponto de fazer crer que ela mesma fazia parte do selecionado³⁸ – à própria concepção arquitetônica do estádio do Maracanã (Figura 18).



Figura 18: O estádio do Maracanã, antes das reformas que cobriram as arquibancadas com cadeiras.

Nele, o setor das *arquibancadas* – além das *gerais*, das *cadeiras comuns*, das *cadeiras especiais* e da *tribuna de honra* – é o que ocupa maior espaço, e é ali onde se concentra, em qualquer jogo, o maior número de torcedores. Foi nas *arquibancadas* que se abrigou, durante os jogos da seleção brasileira na Copa de 50, a diversidade da população brasileira,

³⁸ Para alguns exemplos de colunas esportivas e crônicas sobre a construção do estádio e a participação brasileira na Copa de 50, ver Moura, 1998.

vinda de todos os estados. Sua forma elíptica, toda coberta, colocava a massa dos torcedores diante uns dos outros, no mesmo nível, inclusive das *cadeiras especiais* e das *tribunas de honra*, que são uma extensão, com assentos, das *arquibancadas*, separadas destas por grades. Sendo assim, no anel das *arquibancadas* do Maracanã, as classes não estão segregadas espacialmente. A separação entre *arquibancadas* e *cadeiras especiais* de fato existia, mas de tal forma que as *cadeiras especiais* fossem somente mais um dos setores do estádio em que o conforto é maior, por causa dos assentos. A perspectiva de visão de jogo privilegiada, as arquibancadas cobertas, não são eram mais uma exclusividade para alguns poucos, estando disponíveis a todos que freqüentam o anel das *arquibancadas*. Em jogos com grandes públicos – como foram os jogos durante a Copa de 50 – a divisão entre os dois setores se perdia no meio da massa de torcedores, a ponto de não se poder distinguir a separação entre ambos (Moura, 1998, p.69) (Figura 19). Como bem apontou Moura, “No Maracanã, todos deixam de lado sua identidade pessoal e estabelecem uma identidade coletiva, associando-se ao escrete e ao próprio estádio” (*Idem*, p.85).



Figura 19: Em dias de grande público, arquibancadas, cadeiras e gerais se confundiam, tomadas pelos torcedores.

Outro setor do estádio que contribuiu para o estabelecimento desta identidade coletiva da torcida brasileira, foi, sem dúvida, o lugar conhecido como a *geral*, ou *gerais*, localizadas logo à frente das *cadeiras comuns*, proporcionando assim uma visão bem mais próxima das ações do jogo do que qualquer outro setor, apesar do seu ângulo de visão ser bastante prejudicado em função de sua baixa inclinação e por localizar-se quase que ao mesmo nível do gramado. Além disso, a visão é bastante obstruída pelo grande número de pessoas e equipamentos que se interpõem entre a *geral* e o campo de jogo – repórteres e equipes de transmissão televisiva, policiais que fazem a segurança, o banco de reservas de ambos os times, entre outros.

Tradicionalmente, os ingressos cobrados para se ter acesso às *gerais* possuem um preço inferior do que o cobrado a todos os outros setores do estádio, permitindo assim que um grande número de torcedores tenham acesso aos jogos disputados no Maracanã. Assim como os *terraces* dos estádios ingleses, nas *gerais* do Maracanã concentra-se a maior parte dos torcedores cariocas provenientes das classes trabalhadoras. Da mesma forma, as *gerais* e seus freqüentadores, ao longo da história do estádio, adquiriram uma representação de torcedores “autênticos” no contexto do futebol brasileiro: a *geral* é o lugar reservado à massa destituída de bens, ao *povo* brasileiro, que lá encontrou um lugar reservado para representar seu carnaval todos os fins-de-semana. Com o advento das transmissões televisivas de jogos de futebol, a representatividade dos *geraldinos*³⁹, com seu carnaval e fantasias, foi potencializada a ponto de adquirir características mitológicas na cultura futebolística carioca, como veremos mais adiante.

³⁹ O jornalista Washington Rodrigues cunhou os termos *geraldinos* e *arquibaldos*, para se referir aos torcedores que freqüentam os setores das *gerais* e das arquibancadas, respectivamente, do Maracanã.

Sendo assim, as *arquibancadas* e as *gerais*, dois dos espaços mais populares do estádio, logo formaram um sentimento extremo de topofilia nos torcedores cariocas. Neste sentido, o Maracanã, com seus diversos setores, protagonizou o processo de coletivização a torcida brasileira, dando-lhe uma identidade nacional, que mexe com as emoções da população até nossos dias quando a seleção brasileira entra em ação.

Por outro lado, especificamente as arquibancadas do Maracanã mostraram sua eficácia na formação de identidades coletivas e como espaço onde se criaram novas formas de sociabilidade logo após a decisão da Copa de 50. Sendo o estádio municipal, foi ele palco para os confrontos entre as principais equipes cariocas a partir de então. Segundo Leite Lopes, os torcedores “ingênuos” do mundial de 1950 foram progressivamente substituídos por uma nova cultura de torcedores, mais ativa, mais organizada, “de arquibancada”, constituída a partir de outras formas de sociabilidade, a ponto de, a partir da década de 1960, se constituírem as primeiras “torcidas organizadas” de futebol no Rio de Janeiro – torcidas que se organizam exclusivamente nas *arquibancadas* do estádio e se relacionam entre si, através de rivalidades altamente ritualizadas, no espaço por elas delimitado (Leite Lopes, 1998, p.137).⁴⁰

Temos então que o Maracanã contribuiu para a formação de um novo tipo de torcedor de futebol no Brasil. O estádio, porém, já não é o mesmo, e vem sofrendo reformas e alterações praticamente desde sua inauguração. A principal delas ocorreu entre o ano de 1999-2000, quando as *arquibancadas* foram setorizadas e cobertas por assentos, e as *gerais* foram praticamente abandonadas. Se esta iniciativa partiu de fato de uma exigência de

⁴⁰ Para um estudo recente sobre torcidas organizadas no Rio de Janeiro, cf. Teixeira (2004), e, para o caso de São Paulo, Toledo (1996).

segurança da FIFA, que não permite que jogos por ela organizados sejam assistidos por torcedores em pé, acreditamos que outras motivações, que não a lógica da segurança, podem ter influído na remodelação das *arquibancadas* do estádio e na queda marcante de público nas *gerais*. Acreditamos, também, que estádios que possuem arquibancadas cobertas por assentos, contribuem – e mesmo pressupõem – a formação de um novo estilo de torcida. Passaremos agora à análise da lógica econômica que motivou não só a reforma do Maracanã, mas de vários estádios ao redor do planeta, em especial na Inglaterra, onde este processo teve seu início e hoje representa um modelo a ser seguido pelos clubes e federações em todo o mundo.

Capítulo 3 A nova economia do futebol ou o futebol como mercadoria

A partir da década de 1980, a indústria do futebol vem experimentando um crescendo constante nas suas finanças e lucros. O maior estimulador do crescimento econômico do jogo é justamente a entidade internacional que administra as regras do jogo e supervisiona sua aplicação correta ao redor do mundo, a FIFA, que nas últimas décadas vem adotando medidas no sentido de tornar o jogo mais lucrativo.

O principal produto da FIFA é a Copa do Mundo de seleções nacionais. Disputada desde 1930, sendo o país-sede o Uruguai, a competição é, atualmente, o evento esportivo mais importante do mundo. As Olimpíadas podem possuir uma carga simbólica maior, mas a competição organizada pela FIFA movimenta um montante de dinheiro consideravelmente maior e atrai mais espectadores nas suas transmissões televisivas internacionais⁴¹. Além do mais, a Copa do Mundo conta com a vantagem de concentrar suas atividades esportivas em uma única modalidade, o futebol, justamente o esporte mais praticado e que atrai o maior número de fãs. Sendo assim, foi em relação à Copa do Mundo que a FIFA concentrou seus esforços para tornar o jogo mais lucrativo, buscando novos mercados para o esporte.

Uma das principais medidas foi aumentar progressivamente o número de competidores. Se naquela primeira Copa de 1930 participaram 13 seleções, hoje em dia já são 32 países que disputam o troféu. Todos os continentes possuem pelo menos uma vaga garantida na competição, excetuando-se a Oceania. Outra medida fundamental foi a adoção

⁴¹ A Copa de 1998 atraiu um total de 4,1 bilhões de espectadores, número impressionante se comparado com 2,1 bilhões das Olimpíadas de 1996. Aidar, Leoncini & Oliveira, 2000, p.41.

da rotatividade dos países-sede da competição. Desde a Copa de 1990, disputada na Itália, já foram organizadas competições em países que não possuem uma tradição significativa no cenário futebolístico internacional, como os Estados Unidos, em 1994 e a Coreia e o Japão, em 2002. A Copa de 1998, de acordo com o sistema de rotatividade, foi disputada em França. Em 2006, a sede será a Alemanha, enquanto que em 2010 outro país com pouca tradição internacional, a África do Sul, será o anfitrião. É bem provável que a Copa de 2014 venha para o Brasil, país que, apesar de ter vencido por mais vezes a Copa e ser o país que mais revela jogadores de alto nível, ocupa uma posição inferior na economia global do esporte.

Na sua procura por novos mercados, a FIFA se aliou a um número de empresas multinacionais tais como a Adidas, a KODAK, a Coca-Cola⁴², entre outras, assinando com estas empresas contratos de fornecimento de materiais e de publicidade no valor de milhões de dólares, permitindo-lhe assim a busca e a expansão em direção a novos mercados para a indústria do futebol, ou seja, uma globalização cada vez maior do esporte.

No plano do futebol clubístico, também verificamos um processo de expansão das finanças dos clubes, a partir da década de 1980. Novamente, devemos tomar o futebol inglês como referente para analisarmos o desenvolvimento da economia do futebol, da mesma forma como fizemos ao analisarmos os desenvolvimentos dos estádios de futebol, pois foram os clubes ingleses os primeiros a adotar uma postura mais empresarial no modo como dirigiam sua finanças. Esta gestão mais empresarial dos negócios do clube, aliada ao investimento pesado das transmissoras de TV, trouxe mudanças significativas para os clubes ingleses e seus estádios, como veremos adiante.

⁴² Segundo Aidar, Leoncini e Oliveira (2000), são 45 os parceiros comerciais oficiais da FIFA.

Como vimos anteriormente, a expansão da liga dos clubes ingleses foi constante, até chegar ao número atual de 92 clubes em 1950. Com o advento do profissionalismo, 1885, vários clubes mudaram sua razão social de associações esportivas privadas para companhias limitadas para dar conta das novas exigências financeiras decorrentes dos salários pagos aos jogadores. Apesar de terem se tornado empresas já no século XIX, os clubes ingleses ainda eram dirigidos seguindo modelo de “negócios familiares” de empresas. Com o crescimento do interesse da torcida e conseqüentemente dos lucros, as diretorias dos clubes começaram a adotar uma perspectiva mais empresarial, atraindo homens de negócios das comunidades nas quais os clubes estavam localizados, que deles tiravam algum benefício simbólico e talvez mesmo econômico (Giulianotti, 2002, p.117 & Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002b, p.3). Ainda assim, o principal objetivo dos clubes era o sucesso esportivo.

Até o período pós-guerra na década de 1940, a economia do futebol inglês se manteve estável, existia um teto salarial, que de certa forma mantinha clubes das mais variadas divisões equiparados econômica e esportivamente, não havendo grandes disparidades entre um clube da primeira e um clube da terceira divisão. O preço recorde de uma transferência de jogador entre clubes, por exemplo, foi batido pelo clube Notts County, ao contratar o atacante da seleção inglesa Tommy Lawton, por £20,000. O Notts County era então um clube que disputava a terceira divisão inglesa (Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002b, p.3).

As maiores mudanças se deram a partir década de 1960. Como nos diz Boltanski (1999), um dos efeitos da transformação do espírito do capitalismo nesta época, foi o surgimento do discurso do *management*. Acompanhada pelo surgimento de novos quadros

de diretores e administradores assalariados dentro das empresas, esta transformação marcou a transição final da gestão de empresas como “negócios familiares” para uma gestão de empresas prescrita pela lógica da gestão eficaz e competitiva, liderada agora pelos diretores assalariados, modelo adotado de forma geral pelos clubes britânicos.

Nesta mesma época, o fim do teto salarial e a permissão a empresas patrocinadoras de estamparem suas marcas nos uniformes dos jogadores abriram novas possibilidades de investimento. As empresas interessadas em anunciar suas marcas davam preferência sempre aos clubes que possuíam uma base de torcedores maior, o que por sua vez os capacitava a investir cada vez mais em jogadores de primeira classe. Como nos diz Giulianotti, na década de 1960 “a economia política do futebol passou por uma rápida modernização, uma vez que seus famosos jogadores e clubes foram incorporados mais profundamente na maior mercantilização da cultura popular” (Giulianotti, 2002, p.118).

Frederic Jameson, em seu livro *Pós-Modernismo*, ao falar sobre a lógica cultural do capitalismo tardio, nos diz que “na cultura pós-moderna, a própria ‘cultura’ se tornou um produto, o mercado tornou-se seu próprio substituto, um produto exatamente igual a qualquer um dos itens que o constituem” (Jameson, 2004, p.14). Ou seja, a cultura se tornou, ela própria, mais uma mercadoria a ser produzida e comercializada em massa.

Creemos que podemos incluir o futebol como mais um segmento da “cultura” que foi mercantilizado a partir desta nova lógica do capitalismo tardio. Como diz Giulianotti, “A virada financeira pós-moderna (no futebol) é refletida na mercantilização da ‘herança’ cultural do futebol” (Giulianotti, 2002, p.138). Com a entrada de empresas anunciantes de forma mais efetiva no futebol inglês na década de 1980, verificamos o surgimento de vários produtos ligados tanto indiretamente ao esporte – os produtos das marcas anunciantes, que

podem variar desde uma marca de cerveja local até marcas conhecidas de automóveis – quanto produtos ligados diretamente ao futebol e à prática esportiva – a camisa oficial do time, equipamentos esportivos, jogos, e publicações esportivas, tais como revistas especializadas, biografias e fanzines. Todos estes produtos estão relacionados ao surgimento de uma nova cultura de torcedores no Reino Unido, classificada por Giulianotti como os “pós-torcedores”, membros de uma nova classe média, com formação acadêmica, críticos em relação ao estado atual do futebol e seus dirigentes mas ainda assim ávidos por consumir produtos relacionados ao esporte:

Especificamente, os “pós-torcedores” fazem parte da “nova classe média” de colarinho branco. Muitos deles tiveram formação acadêmica, especialmente em ciências sociais; eles tendem a conseguir emprego nas novas “indústrias de conhecimento”, tais como vendas, pesquisa de mercado e mídia. Diferente da burguesia tradicional, essa nova classe abraça a cultura popular em vez de rejeitá-la, freqüentemente misturando futebol ou rock com interesse por literatura e artes cênicas. No entanto, esse consumo cultural que praticam está longe de ser passivo. A nova classe média é educada e assume uma postura crítica diante de todas as formas de cultura popular. Muitos trabalham como ‘agentes culturais’ no setor de serviços, definindo tendências ou instruindo o público sobre como consumir produtos específicos (*Idem*, p.190-191).

Desta forma, os clubes ingleses, perto do final da década de 1980, já ganhavam mais dinheiro com suas atividades fora de campo do que com a renda da bilheteria paga pelo torcedor médio (*Idem*, p.118), ou seja, os principais clubes já tinham, nesta época, como principal fonte de renda a venda de produtos de uma forma ou de outra associados à equipe ou ao futebol de uma forma mais geral. Temos então que o principal alvo dos clubes ingleses não era mais o torcedor fiel que comparecia a todos os jogos e apoiava o clube, mas sim homens de negócios e representantes de firmas que viam o futebol ou como mais

uma forma de diversificar suas aplicações e lucros, ou ainda como um passatempo, uma forma de lazer eficaz para entreter possíveis investidores ou parceiros em empreitadas. Neste sentido, são feitas algumas alterações na configuração da maioria dos estádios de futebol ingleses no sentido de atrair empresas e possíveis patrocinadores. A construção de restaurantes, espaços comerciais e até museus no interior do estádio e, principalmente, a construção de camarotes executivos, em geral alugados por grandes corporações, nas arquibancadas cobertas, muitas vezes no lugar outrora ocupado por espaços altamente topofílicos para os torcedores fiéis. (Figuras 20,21 e 22)

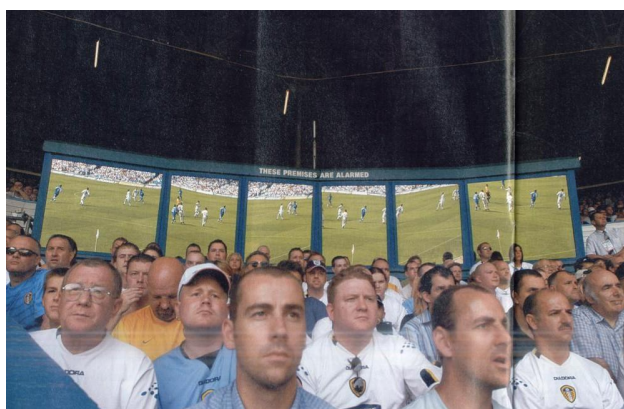


Figura 20: Camarotes executivos, Elland Road, Leeds, Inglaterra. *When Saturday Comes*, 212, outubro 2004



Figura 21: Camarotes executivos, Highbury Park, Londres.



(c) fussballtempel.net

Figura 22: Acesso aos camarotes executivos, estádio La Beaujoire, Nantes, França. Em primeiro plano, o camarote pertencente à empresa McDonald's

Uma vez que o bom desempenho econômico configurava-se tão fundamental quanto o sucesso dentro dos gramados, os diretores de clube introduziram uma série extra de administração de negócios, criando departamentos de publicidade e indicando executivos para chefiá-los (*Idem, ibidem*). Mesmo assim, a maioria dos clubes britânicos entraram na década de 1990 enfrentando grave crise financeira, devida largamente à queda de público nos estádios, em função do sentimento de insegurança generalizado decorrente de uma série de acidentes já mencionados, e ao *hooliganismo* que, se não era um fenômeno tão abrangente como a mídia sugeria (Bale, 1993, p.112-113), de fato estava a afastar torcedores das arquibancadas.

O grande salto na economia dos clubes ainda estaria por vir, sendo o já mencionado desastre de Hillsborough, em 1989, o grande divisor de águas do futebol britânico. Isto porque o Relatório Taylor, se por um lado de fato atendia a demandas de segurança bem fundadas, por outro ofereceu aos clubes uma oportunidade única de remodelarem seus estádios e os adaptarem às novas necessidades econômicas.

As mudanças operadas na configuração dos estádios britânicos tiveram conseqüências profundas na “etnologia social” do futebol. A proibição das populares *terraces*, as *gerais* do futebol britânico e sua substituição por arquibancadas com assentos teve como efeito o afastamento de uma grande parcela de torcedores que não possui meios de arcar com ingressos mais caros que lhes dêem o direito de acessar os setores remodelados dos estádios. Estas mudanças apontavam para o desejo dos clubes em buscar um novo tipo de torcedor, ou por outra, espectador, capaz de arcar com os preços das novas arquibancadas e camarotes executivos. No começo da década de 1990, a forma que alguns clubes encontraram para financiar a remodelação de seus estádios foi o lançamento de

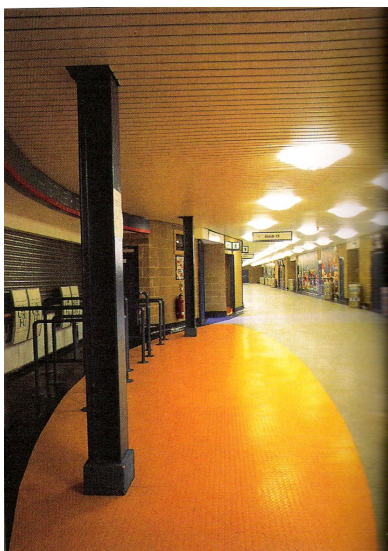
debêntures. A compra destes por parte dos torcedores lhes garantiria a posse, por toda a sua vida, de um assento no estádio⁴³. O fato é que o preço destes debêntures estava bem acima das possibilidades da maior parte dos torcedores de classe média. Em consequência disto, uma parte considerável das cadeiras de alguns dos principais estádios britânicos de fato está em posse de um número reduzido de torcedores. As elites estão a voltar aos estádios, da mesma forma como dominaram as primeiras arquibancadas nos primórdios do jogo.

Outra fonte importante de recursos para a remodelação dos estádios foi a TV, aliada da maior importância no crescimento econômico dos clubes de futebol. Se em 1988 os 92 clubes da liga inglesa assinaram um contrato conjunto de £44 milhões, em 1992 os 20 clubes da liga rebelde *FA Premier League* negociaram separadamente um contrato de £191 milhões. Em 2000, os clubes da *Premier League* venderam os direitos de transmissão de seus jogos por imprevistos £1.1 bilhão, por um período de três anos (Sir Norman Chester Centre for Football Research, 2002c).

O dinheiro proveniente dos contratos televisivos, para os clubes, foi fundamental para a remodelação de seus estádios e a reestruturação de sua situação econômica. O dinheiro das TV's e dos contratos milionários de patrocínios foi reinvestido em melhoramentos nos estádios, dando-lhes uma aparência mais de *shopping centers* do que de arenas esportivas propriamente ditas, sempre em função da busca de novos e mais ricos torcedores/consumidores (Giulianotti, 2002, p.137) (Figuras 23, 24 e 25). A lógica de mercado está tão entranhada na forma de se conduzir os negócios dos clubes britânicos hoje em dia, que até os próprios nomes dos estádios estão a ser alugados para empresas

⁴³ O esquema de debêntures foi adotado por clubes como o Arsenal, West Ham, Leeds United, Charlton e Millwall (Inglis, 1996 e Duke, 1994, p.135)

patrocinadoras desejosas de associar suas marcas a equipes vitoriosas e detentoras de uma larga base de torcedores⁴⁴ (Figuras 26 e 27).



Figuras 23, 24 e 25: Estádios ou shopping center? Praças de alimentação e lojas de conveniência nos estádios do Chelsea, Leeds e Newcastle (sentido horário)
Inglis, Simon. *Football Grounds of England*, 1996.

⁴⁴ Os próprios nomes das competições organizadas pelas ligas foram vendidos para empresas investidoras. É o caso da Barclay's Card Premiership, patrocinada por um banco; da Coca-Cola Championship, nome da segunda divisão inglesa; da Carling Cup, a antiga League Cup (não confundir com a FA Cup), patrocinada por uma cervejeira.



Figura 26: Sítio da construção do novo estádio do Arsenal, Emirates Stadium. A empresa Emirates Airlines negociou um acordo de patrocínio de 150 milhões de Euros para colocar seu nome no estádio.
When Saturday Comes, 214, dezembro 2004



Figura 27: BTCellnet Stadium, Middlesbrough, Inglaterra, também conhecido como Riverside Stadium
<http://www.fussballtempel.net>

Da mesma forma, alguns clubes alugam setores e arquibancadas de seus estádios individualmente, que passam a ser referidas e conhecidas pelo nome do anunciante, muitas vezes abandonando os nomes antigos e tradicionais, através dos quais os torcedores se localizavam no estádio (Figuras 28 e 29).



Figura 28:
 The Dyson Hotwork Stand, estádio do time amador Llanwrion AFC, do País de Gales, que disputa a Motaquote Insurance League Division 2
www.footballgroundz.co.uk



Figura 29: Lurpak Stand, Elland Road, Leeds, Inglaterra. A Lurpak é uma empresa de laticínios dinamarquesa
www.fussballtempel.net

A configuração das arquibancadas não atende mais à lógica da segregação por classes sociais, como nos tradicionais projetos de Archibald Leitch. Hoje, verificamos uma extrema compartimentalização das arquibancadas, atendendo a um escalonamento de preços que, a princípio, atenderia a todas as gradações sociais, mas que de fato estão fora do alcance de boa parte da torcida, em vista do aumento generalizado dos preços dos ingressos após a remodelação dos estádios. Alguns estádios simplesmente tornaram-se obsoletos no cenário da nova economia do futebol inglês, cujos dirigentes não hesitaram em demoli-los para dar lugar a desenvolvimentos imobiliários ou comerciais, ou até mesmo a arenas modernas construídas já seguindo o modelo do *estádio/shopping center*. Dois famosos casos recentes são emblemáticos dos novos tempos do futebol mercantilizado: por ocasião da competição de seleções nacionais Euro 2004, disputada em Portugal, seus organizadores viram-se pressionados a apresentar às autoridades futebolísticas internacionais e aos fãs locais e estrangeiros estádios à altura do evento. Entre a opção de construir novos estádios ou remodelar os antigos já existentes, as autoridades futebolísticas portuguesas optaram pela remodelação total dos estádios. A final da competição seria disputada em Lisboa, no estádio conhecido como da Luz, utilizado pela equipe do Benfica e pela seleção nacional e inaugurado em 1954. Remodelado, o estádio possui atualmente 7,300 cadeiras VIP, 2,500 lugares distribuídos em camarotes de sócios e camarotes de empresas, restaurante panorâmico, museu, *health club*, *business center*, *corporate center*, e cerca de 55 bares e restaurantes distribuídos entre os quatro anéis de arquibancadas.

O estádio de Wembley, em Londres, também foi demolido em 2000 para dar lugar a uma moderníssima arena, que estará concluída no ano de 2006. Se o antigo Wembley apresentava sérias deficiências e era um estádio que de fato oferecia pouco conforto para os

torcedores (Hornby, 2000, p.200-203 & Inglis, 1996, p.386-390), por outro lado ocupava um lugar simbólico não só no futebol inglês mas mesmo no futebol internacional⁴⁵. Era também conhecido ponto turístico da cidade, com suas torres gêmeas nas entradas, além de ser a “casa” do selecionado inglês e o estádio onde se disputavam, tradicionalmente, as finais da *FA Cup*, o mais antigo torneio de futebol. A um custo de cerca de £750 milhões, o novo estádio de 90,000 lugares contará com o que há de mais moderno em termos de engenharia e arquitetura de arenas, além de contar com 688 pontos de venda de comida e bebida. O preço inicial dos camarotes é de £3,900, podendo chegar até £16,100, dando ao comprador o direito ao assento adquirido por 10 anos (Figuras 30).



Figura 30: Estádio de Wembley, a “Meca” do futebol.
www.fussballtempel.net



Figura 31: Demolição das “torres gêmeas” de Wembley. Durante os debates sobre o novo estádio, cogitou-se mantê-las e integrá-las à estrutura que seria erguida.
www.wembleystadium.com/

* * *

⁴⁵ O ex-jogador Pelé se referia ao estádio de Wembley como a “Meca” do futebol mundial.

No Brasil, encontramos um panorama um tanto quanto diferente, pelo fato de os clubes não serem aqui empresas, mas estarem organizados ainda como associações de esportes privadas, controladas pelos sócios que pagam uma mensalidade ou anuidade. Como bem observou Giulianotti,

Com isso, os clubes mantêm uma forte, ainda que arcaica, tradição de democracia econômica e política. Os sócios elegem os diretores do clube anualmente ou de dois em dois anos, e destituem os que relutam em satisfazer suas demandas. Por isso os clubes raramente beneficiam-se de grandes investimentos pessoais, feitos por proprietários em outros sistemas. Em vez disso, os diretores eleitos freqüentemente usam sua posição no clube como trampolim para eleições políticas mais convencionais (Giulianotti, 2002, p.117).

Helal (1997) faz uma investigação sobre a estrutura dos clubes de futebol brasileiros e sua situação econômica na atualidade, a partir de cuidadosa análise de artigos na imprensa esportiva. Utilizando as noções propostas por Da Matta de “tradição” e “modernidade”, Helal analisa a crise estrutural do futebol brasileiro, devida justamente à tensão existente, dentro da organização futebolística nacional, de tendência “tradicional” ou seja, amadora, baseada na paixão, e os imperativos de profissionalização e comercialização de um modo de se gerir o futebol, visando a obtenção de lucros a partir do espetáculo futebolístico – o modelo adotado pelos clubes ingleses e o futebol europeu de uma forma geral (Helal, 1997, p.33). A crise é explicada pela incapacidade de a gerência do futebol brasileiro “baseada no amadorismo dos dirigentes, em interesses políticos e em uma legislação que, até pouco tempo, impedia a autonomia dos grandes clubes”, em acompanhar as mudanças ocorridas na Europa (Helal, 1997, p.41). Se por aqui os dirigentes agem de forma amadora, praticando uma política de trocas de favores, paternalista em relação a jogadores e

torcedores; na gestão “moderna”, europeia do futebol, busca-se a gestão empresarial e a profissionalização dos dirigentes, orientados pela ética do lucro e por estratégias de marketing. Da mesma forma, na gestão “tradicional” do futebol brasileiro, verificamos um baixo grau de comercialização do evento futebolístico, enquanto na gestão “moderna” do futebol, busca-se o lucro através de propagandas nos estádios e nos uniformes dos jogadores, o investimento maciço das transmissoras de TV, a transformação do jogo em um espetáculo midiático e de consumo.

O fato é que a estrutura do futebol brasileiro, baseada na estrutura organizacional de duas éticas opostas no futebol – jogadores profissionais e dirigentes amadores – começou, a partir da década de 1970, a se mostrar cada vez mais eficaz, devido à profissionalização do futebol europeu, que transformou o jogo em um sucesso comercial, pondo em desvantagem os clubes brasileiros, que cada vez mais perdiam seus jogadores de alto nível para as ricas ligas europeias, uma dinâmica que permanece até hoje.

Sendo assim, a partir da década de 1980, a tendência passa a ser a profissionalização dos dirigentes e a adoção do modelo de futebol-empresa, cumprindo a imposição, não de uma legislação específica, mas do mercado ele mesmo, que exige que o torcedor passe a ser tratado como cliente e consumidor, que o jogo passe a ser visto como um evento, como um espetáculo e que os estádios sejam remodelados para atrair consumidores da classe média e alta (Aidar, Leoncini e Oliveira, 2000, p.80-81), criando assim um produto capaz de atrair investidores e seja atrativo também às transmissoras de TV.

É este o modelo que se busca implementar no futebol brasileiro na atualidade. As leis Zico (1993) e Pelé (1998) configuraram um esforço do governo federal em enquadrar as agremiações esportivas nas leis fiscais, exigindo delas a adoção da gestão empresarial

para que um controle maior e mais transparente das finanças dos clubes pudesse ser feito. Em ambos os casos, os artigos das leis que versavam sobre a obrigatoriedade da transformação da associação privada desportiva em empresas acabaram sendo retirados da redação final da lei, prejudicando muito sua eficácia e mesmo a razão de ser destas leis⁴⁶. Desta forma, algumas tentativas de parcerias de co-gestão e licenciamento de marca com investidores estrangeiros e nacionais foram experimentadas por alguns dos principais clubes brasileiros nos anos 1990⁴⁷, sendo, invariavelmente, fracassadas estas experiências, seja por causa de falência da empresa investidora (Flamengo) seja pela pelo extremo amadorismo de dirigentes clubísticos (Vasco da Gama).

Mesmo assim, a questão da transformação dos clubes em empresas e a transformação do futebol em um negócio rentável ainda estão em pauta no Brasil. Se ainda não se definiu juridicamente o caminho a ser adotado para a transição dos clubes em empresas, além de os embates dentro da comunidade dos clubes e suas federações ainda ser intenso quanto ao caminho a ser seguido, é ponto pacífico entre todos que os estádios de futebol estão no epicentro de qualquer medida que venha a ser tomada no sentido de transformar o futebol em um evento lucrativo. Analisaremos, agora, três casos que evidenciam as mudanças que estão a ocorrer no cenário futebolístico brasileiro.

⁴⁶ Para um levantamento e apreciação das leis esportivas do Brasil, desde 1941, cf. Manhães (2002).

⁴⁷ Em 1997, o EC Bahia fechou negócio de parceria total com o Banco Opportunity; em 1998, foi a vez do Vasco da Gama assinar um contrato de licenciamento de marca com o Nations Bank of América; em 1999 o Corinthians e o Cruzeiro de Minas Gerais, assinaram contratos de licenciamento de marca com a empresa Hicks Muse Tate & Furst. Neste mesmo ano, o Flamengo assinou contrato de licenciamento de marca com a empresa ISL. Para uma descrição dos modelos de transformação de clubes em empresa, Cf. Aidar, Leoncini e Oliveira, 2000, cap.5.

3.1 Análise de alguns casos no Brasil: as reformas no Maracanã, no Caio Martins e na Arena da Baixada

3.1.1 O estádio do Maracanã

Como nos mostrou Moura (1998), o Maracanã foi elaborado e construído como um lugar de congregação e sagração da identidade brasileira. O estádio, com sua arquitetura monumental, seria o lugar de onde emanaria a “nacionalidade” brasileira. O estádio transforma-se então em um lugar de massificação dos torcedores, unidos entre si por um laço comum que a todos unifica. Nas *arquibancadas* não existem indivíduos, somente brasileiros, ou torcedores de um determinado time: brasileiros torcendo pela seleção nacional, alvinegros torcendo pelo Botafogo, tricolores pelo Fluminense, rubro-negros pelo Flamengo. Cremos que podemos tomar o Maracanã como um caso paradigmático e estender a outros estádios do Brasil esta função de massificação e nacionalização do povo, transformando-os em lugares privilegiados para se incutir o patriotismo nos indivíduos⁴⁸.

De fato, as *arquibancadas* são um lugar privilegiado para a massificação dos torcedores. Lá, as hierarquias não possuem função alguma, estão todos na mesma altura. A única altura que importa é aquela que proporciona uma melhor visão panorâmica do jogo.

Porém, um estádio como o Maracanã não é constituído somente de *arquibancadas*. Temos também as *cadeiras*, um lugar neutro; temos as *cadeiras perpétuas* e as *tribunas de honra*, que compõem o elemento hierarquizante da arquitetura do estádio; temos ainda as

⁴⁸ De fato, o Maracanã, após sua construção, tornou-se um modelo para a construção, nas décadas seguintes, de estádios como o Morumbi, o Mineirão, o Beira Rio e o Serra Dourada, entre outros.

gerais que, segundo nos parece, assumem uma função de massificação à primeira vista, mas na verdade são mais um lugar em que podemos perceber uma função hierarquizante no estádio.

Nos parece que as *gerais* assumiram uma função emblemática no processo de massificação da torcida. Para o senso comum, é nas *gerais* o lugar onde ocorre o *carnaval* do “povo”; é lá o lugar onde o povo pode expressar sua dimensão lúdica, reprimida no cotidiano do dia-a-dia e na rotina de trabalho. É comum os torcedores que freqüentam as *gerais* comparecerem aos jogos portando fantasias, ou então carregando animais. Com o advento do televisionamento dos jogos de futebol, a associação do futebol com o povo se acentuou ainda mais, pois, no plano da câmera adotado preferencialmente pelas TVs para a transmissão de jogos no Maracanã, a torcida das *gerais* aparece no mesmo plano no qual o jogo se desenvolve. Este fato não se constitui como um truque de câmeras: de fato, as *gerais* se posicionam quase no mesmo plano do campo de jogo, sendo seu ângulo de visão quase horizontal, reto.

Mas as *gerais* não são o único lugar destinado à torcida no estádio do Maracanã, como vimos acima (Figura 31). Não devemos analisar as *gerais* isoladamente, mas juntamente com os outros setores de estádio, nesta configuração peculiar que se forma em dias de jogos. Ao analisarmos a relação das *gerais* com os outros lugares do estádio, podemos perceber o surgimento de alguns elementos hierarquizantes, não só nas *cadeiras perpétuas* e *tribunas*, mas também nas *gerais* e nas *arquibancadas*.



Figura 31: Maracanã, visão das *gerais*, das *cadeiras comuns*, das *arquibancadas* e das *cadeiras especiais*. No seio destas, a *tribuna de honra*
www.suderj.rj.gov.br

Pois, se as *gerais* são o lugar do povo, do carnaval do povo, as *arquibancadas* são o lugar das *torcidas organizadas* (e esta qualificação não é fortuita). Frente ao “carnaval” e à “festa do povo” constantemente captados pela TV em transmissões futebolísticas, a audiência das *arquibancadas* lança mão de vários mecanismos que, assim nos parece, operam no mesmo sentido do “ponha-se no seu lugar”, do “sabe com quem está falando?”, ritos analisados por Da Matta em seu livro sobre carnavais. Estes mecanismos operam das formas mais diversas: desde a agressão direta, com o lançamento de bombas, rojões, copos e garrafas repletas de urina, indo até impropérios e palavrões desferidos à audiência das *gerais*, passando por alguns elementos de distinção que os torcedores da *arquibancada* possuem e dos quais os torcedores das *gerais* estão destituídos. É o caso das vestimentas, da posse de uma “camisa oficial” do clube, ou de qualquer outro tipo de vestimenta que evidencie a distinção e a distância social. Foi o caso observado, em um jogo Flamengo e América, no Maracanã, durante o Campeonato Carioca de 2001 na *arquibancada*, no lugar reservado à torcida americana, cujo time perdia de 4 x 1 para o Flamengo. Logo abaixo

deste local, reunia-se a torcida do Flamengo nas *gerais*, que estava a apupar os americanos das *arquibancadas*. Como estes últimos – em sua maioria descamisados, vestindo somente bermudas e chinelos – não possuíam mais argumentos no campo desportivo, apelaram para o campo da distinção pela indumentária, apontando para suas próprias bermudas e perguntando aos flamenguistas se eles possuíam vestimentas da mesma marca e mesmo valor, o que, de fato, não ocorria. O mesmo fenômeno foi observado outras vezes durante a pesquisa, em jogos válidos pelo campeonato brasileiro de 2004, entre Flamengo e Vasco e entre Botafogo e Flamengo.

Acontece que as *gerais* (bem como os *terraces* ingleses) foram praticamente eliminadas do evento futebolístico, através de um processo cada vez mais individualizador do torcedor de futebol, que adentrou as *arquibancadas* e as *gerais* dos estádios. Este processo se expressou materialmente, fisicamente, nos estádios de futebol, como podemos ver nas reformas das *arquibancadas* tanto do estádio do Maracanã quanto do Caio Martins, em Niterói, como veremos mais adiante.

A partir do momento em que o futebol é transformado em mercadoria, sendo consumido como espetáculo, podemos perceber algumas demandas que contribuem em muito no processo de hierarquização e elitização dos estádios de futebol. Se por um lado, um dos mais fortes argumentos para mudanças estruturais no futebol parte da própria instituição que governa o esporte em âmbito internacional, a FIFA – que, em nome da segurança nos estádios, decretou que a partir do ano de 1992 ela não permitiria mais a presença de torcedores que assistissem aos jogos por ela organizados em pé – por outro estas mudanças surgiram de demandas econômicas que, como vimos, estão transformando o jogo, convertendo-o em um espetáculo, em um produto a ser comercializado e que

pressupõe uma *platéia* composta por *consumidores* em detrimento dos *torcedores*. Sendo assim, cria-se uma possibilidade de arrecadação cada vez maior com as rendas de jogos, à medida que se oferece um cenário com boas condições de conforto e segurança a este consumidor, levando assim à modernização dos estádios de futebol.

No Brasil, as primeiras medidas modernizadoras apareceram em inícios da década de 1990, com as leis Zico e Pelé. Porém, foi só a partir de finais da década de 1990 que as demandas, tanto por parte das autoridades, quanto da mídia e grupos de torcedores, se fez mais insistente, tendo culminado com a aprovação pelo Congresso do Estatuto do Torcedor, em 2002. Já no ano de 2000, o estádio do Maracanã entrou em uma grande reforma, pela qual a arquibancada foi compartimentada em três setores (Figuras 32, 33 e 34), cada um possuindo um preço diferenciado e tendo como público alvo diferentes setores da torcida: as cadeiras brancas, mais caras, situadas no meio do campo, direcionadas a um público mais “família”, e aos turistas, em que também é possível a mistura de torcedores de times opostos em dias de clássicos regionais; as cadeiras amarelas, situadas na quina do córner, direcionadas a torcedores de um time que preferem ficar à distância das torcidas organizadas e que possui um preço intermediário; por fim, as cadeiras verdes, situadas atrás do gol, mais baratas e direcionadas às torcidas organizadas.



Figuras 32 e 33: Estádio do Maracanã, setores brancos, verdes e amarelos.

Figura 34: Turistas nas cadeiras brancas do Maracanã

Com a proibição, pela FIFA, de espectadores em pé em jogos internacionais, e a inevitável proibição, no futuro, de torcedores em pé em qualquer campeonato que seja, as *gerais* foram esvaziadas de público nos últimos anos (Figura 35). De fato, mesmo em dias de clássicos regionais, é raro ver uma carga para as *gerais* que ultrapasse a marca de 10 mil ingressos. Se, anteriormente, a geral já era o lugar mais barato do estádio, hoje em dia encontra-se completamente depreciada para o uso por parte da torcida, sendo cobrado geralmente um preço “simbólico” para aqueles torcedores que ainda a utilizam: R\$1, o mesmo preço da refeição oferecida pelo “restaurante popular” que foi construído nos espaços internos do estádio que circundam a geral.



Figura 35: As *gerais* do Maracanã. Tomadas obsoletas, atrai hoje em dia um público muito pequeno, obrigado pela polícia a se aglomerar em um espaço pré-definido

Como efeito óbvio, esta reforma estrutural do Maracanã compartimentalizou ainda mais a torcida que comparece ao estádio. Se antes havia três grandes divisões – gerais, arquibancadas e cadeiras especiais/cativas – instituiu-se agora a divisão, a hierarquização, dentro da própria arquibancada, que era tradicionalmente o lugar mais “democrático” do estádio.

Recentemente, o Maracanã esteve ameaçado de demolição, em uma proposta parecida com aquela que derrubou os já mencionados Estádio da Luz e Wembley. O ex-presidente da FIFA e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), propuseram em 2004 sua demolição para que fosse erguido um novo estádio, totalmente conforme as normas da FIFA, para a disputa da Copa do Mundo de 2014. A proposta encontrou resistência em vários setores e, ao que tudo indica, é inviável, pois o edifício e seu entorno foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional no ano de 2000. Em resposta, o governo estadual do Rio de Janeiro elaborou um projeto de reforma que de fato elimina as *gerais* do

estádio construído em 1950. Em seu lugar, seriam colocadas 18,000 cadeiras descobertas, convertendo-o assim em um estádio somente com assentos. Mesmo assim, a CBF insiste com sua campanha em demolir o Maracanã, com ameaças de deixá-lo de fora da disputa da Copa de 2014, caso ela de fato seja confirmada para o Brasil (Figura 36).



Figura 36: Maquete da proposta para remodelação do Maracanã, que será efetuada em 2005. Nela, as *gerais* serão cobertas por cadeiras, tendo destino semelhante aos *terraces* ingleses

3.1.2 O estádio de Caio Martins

O estádio Caio Martins, atualmente arrendado pelo governo estadual ao Clube Botafogo de Futebol e Regatas, possui duas *arquibancadas* laterais de concreto. A principal, coberta, onde estão localizadas as tribunas de honra e da imprensa, foi reformada no começo do ano de 2003 para a participação do Clube na Segunda Divisão do campeonato nacional daquele ano (Figura 37). Não foi uma reforma qualquer. Além dos reforços estruturais e da reforma dos vestiários, localizados na parte interna de sua

estrutura, os degraus da *arquibancada* foram remodelados para receber assentos, que foram denominados de “VIP” e divididos em três setores. Tais cadeiras “VIP” foram oferecidas, então, aos torcedores em pacotes para os jogos do campeonato. A promoção foi mantida para o campeonato do ano seguinte.



Figura 37: Caio Martins, arquibancada das cadeiras “VIP”.

Nos setores 1 e 3, que compreendem pouco mais de $\frac{3}{4}$ da *arquibancada*, os pacotes de cadeiras “VIP” foram oferecidos a R\$392. No setor 2, onde anteriormente se situava a tribuna de honra, os assentos foram oferecidos a R\$560. Entre as vantagens oferecidas ao torcedor, estão a garantia de um lugar para assistir ao jogo, maior conforto, devido às cadeiras e a cobertura, maior segurança, e a personalização do assento adquirido através da gravação do nome do comprador nos assentos (Figura 38). Isto significa que o torcedor seria dono daquele assento durante toda a temporada, não podendo assistir a partida em um outro assento que não tivesse sido por ele adquirido. Efetua-se aqui a passagem do *indivíduo* torcedor, à *pessoa*, elemento de maior importância na estrutura hierarquizante na nossa sociedade, como nos mostra Da Matta (1997).



Figura 38: Assento reservado no setor das cadeiras “VIP” do Caio Martins. Acima do escudo do clube, está gravado o nome do proprietário da cadeira.

Na parte superior desta *arquibancada*, foram construídos camarotes, cedidos também por temporada, a um preço superior a R\$800 (Figura 39).

Temos então uma extrema individualização do torcedor nesta parte da *arquibancada* do Caio Martins. A individualização se torna maior quando tomamos o estádio como um todo e comparamos esta *arquibancada* reformada com os outros lugares do estádio. Na outra *arquibancada* de concreto, oposta às cadeiras “VIPs”, também foram oferecidos pacotes para a temporada, ao preço de R\$196, mas sem assentos. Atrás dos gols, foram construídas *arquibancadas* tubulares, que comportam um público bem maior que as outras duas (Figura 40). Não foi criada nenhuma promoção para estas *arquibancadas*. Vale ressaltar, que o ingresso individual, unitário, ainda pode ser adquirido por qualquer torcedor para qualquer uma das *arquibancadas*, com um escalonamento de preços proporcional. As

arquibancadas tubulares obviamente são mais baratas, custando R\$17 para aquela situada à direita das cabines de rádio e R\$15 a outra.



Figura 39: Caio Martins, camarotes executivos, localizados acima das cadeiras “VIP”

Vemos então que se criou já uma hierarquização econômica neste pequeno estádio, que não comporta mais do que 12 mil espectadores. Esta hierarquização econômica se traduz também em uma hierarquização social, uma vez que a maior parte dos detentores de cadeiras “VIP” é também sócia do clube, arcando então com mais este custo. Se tomarmos o dia-a-dia político que vive o clube, a distância entre o grupo que assiste aos jogos nas cadeiras personalizadas e os grupos que freqüentam as arquibancadas tubulares, principalmente a mais barata, onde se reúne a principal torcida organizada do clube, aumenta mais ainda, tendo em vista que estes últimos, na maioria não-sócios, é de certa forma crítica e se opõe à atual política do presidente do clube de adotar uma gestão empresarial e a priorização de reformas estruturais no clube, em detrimento da formação de uma equipe de futebol competitiva. Estas tensões ficaram claras em um jogo, quando o presidente foi vaiado pelos torcedores das arquibancadas tubulares, causando uma reação

maciça das pessoas detentoras de cadeiras, que vaiaram os membros das organizadas, tomando as dores do presidente. A torcida organizada estava claramente clamando pela adoção da lógica esportiva na forma como deveria ser conduzido o clube – e portanto, tradicional, amadora – enquanto que os torcedores das cadeiras VIPs, estavam a defender a lógica do planejamento, a lógica econômica e empresarial. O confronto entre estas duas partes da torcida botafoguense se repetiu várias vezes ao longo da disputa do campeonato brasileiro de 2004, durante o qual a equipe esteve ameaçada de rebaixamento até a última rodada.



Figura 40: Caio Martins, arquibancadas tubulares. Em estrutura desmontável, foi erguida em 2003 em caráter provisório. Nelas se acomodam as torcidas organizadas do clube

3.1.3 A Arena da Baixada

A Arena da Baixada pertence ao Clube Atlético Paranaense (CAP), da cidade de Curitiba, campeão brasileiro de 2001 e que terminou em segundo lugar no mesmo campeonato em 2004. Em meados dos anos 1990, a diretoria do CAP decidiu que o clube

necessitava de um estádio mais condizente e decidiu demolir seu antigo campo. Em 1999 foi inaugurada a nova casa do Atlético, que possui cerca de 32,000 assentos para espectadores, com possibilidade de expansão até 51,000. Muitos creditam o recente sucesso deste clube de fama regional no cenário nacional justamente ao seu novo campo. De fato, as recentes conquistas do Atlético não são fortuitas, muito pelo contrário, são fruto de um projeto nitidamente delineado e posto à risca por sua diretoria.

O estádio é dividido em dois níveis de arquibancadas, inferiores e superiores, além de possuir 960 assentos em 86 camarotes executivos, que se dividem em 10 suítes de patrocinadores para 22 pessoas com sala, banheiro privativo e sala de estar, no anel inferior; 35 camarotes tipo “C” de 9 a 15 lugares, no anel superior; 41 camarotes tipo "B" para aproximadamente 16 pessoas, com banheiro privativo e sala de estar, no anel inferior. Os camarotes são alugados por temporada tanto para pessoas físicas quanto para corporações, como nos estádios mais modernos europeus, podendo alcançar um preço de R\$50,000 os mais caros, por temporada (Figura 41).

Além dos camarotes, o estádio possui um setor VIP com 210 assentos acolhoados e adjacentes a um grande salão, aonde será construído um restaurante exclusivo, com visão para o campo (Figura 42).

Nas arquibancadas superiores e inferiores encontramos a área de preço diferenciado, situada paralelamente à lateral do campo. É ali o setor mais caro do estádio, sendo cobrado um preço mais caro ainda na arquibancada lateral, onde estão disponíveis ao torcedor a compra de cadeiras por temporada. Assim como no estádio do Caio Martins, a compra de uma cadeira dá ao torcedor a posse daquele lugar por toda a temporada. O proprietário da cadeira tem o seu nome impresso no assento, personalizando-o (Figura 43).



Figura 41: Arena da Baixada, camarotes executivos. Ao fundo, percebe-se o logotipo da indústria de tabaco Phillip Morris



Figura 42: Arena da Baixada, assentos do setor VIP

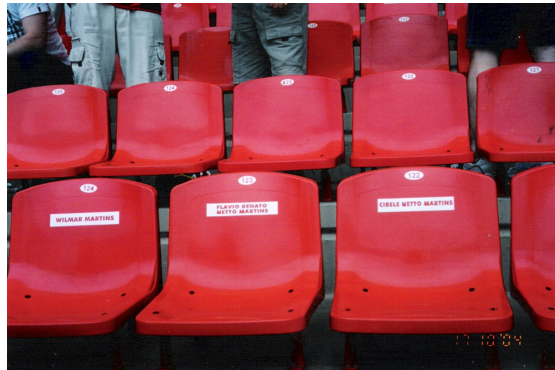


Figura 43: Arena da Baixada, cadeiras personalizadas na arquibancada inferior

No anel interior, de circulação, estão postados em intervalos regulares extintores de incêndio e macas para atendimento médico. É também neste corredor onde se situam as 68 lojas de conveniência do estádio. A preocupação com a segurança é intensa. O estádio possui cerca de 60 câmeras de vigilância interna, fixadas tanto nos acessos ao estádio quanto nas arquibancadas e no anel interior de circulação, sendo que algumas delas possuem um alcance que excede os 10 metros com nitidez (Figura 44).

Na parte frontal da Arena existe um centro comercial onde estão localizados a loja de artigos esportivos Arena Store – na verdade uma loja da marca Umbro, patrocinadora e

fornecedora de material esportivo do clube – uma lanchonete e os elevadores panorâmicos, que dão acesso a uma academia de ginástica de grande porte, a um espaço para construção de um centro de convenções e a uma churrascaria.

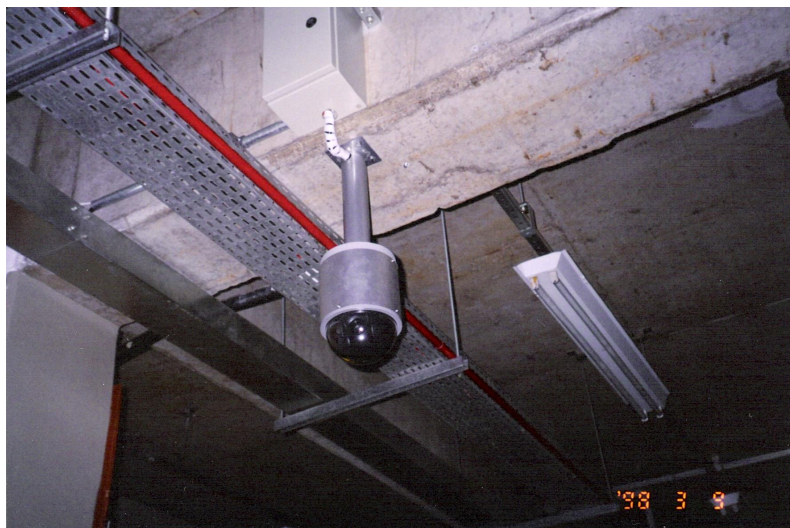


Figura 44: Câmera de vigilância do circuito interna da Arena da Baixada

Para a construção da Arena, a diretoria do Atlético pesquisou vários estádios na Europa, portanto as semelhanças com estádios europeus são significativas (Figura 45 e 46). Estruturalmente, o estádio, em forma de "U", é bastante diferente de qualquer estádio já construído no Brasil. O anel da arquibancada não foi completado devido a existência de uma escola adjacente ao campo, cujo proprietário é um ferrenho torcedor do Coritiba, tradicional adversário dos atleticanos, e se recusa a ceder o terreno. No lugar da arquibancada que seria ali erguida, a direção do Atlético construiu um muro e cabines para a diretoria assistir as partidas. Os planos da diretoria prevêm que até 2006 o plano-mestre do estádio será completado, quando será fechado o anel das arquibancadas e a capacidade ampliada para os 51,000 lugares. Seguindo a tendência inglesa de construção de estádios, as

primeiras cadeiras do anel inferior de arquibancadas ficam bem próximas ao campo, proporcionando uma experiência diferenciada dos outros setores. Algumas características, porém, denunciam a Arena como um estádio tipicamente brasileiro: apesar de o projeto do estádio ser europeu, as arquibancadas são separadas do campo por um alambrado de ferro pontudo – estrutura banida dos campos ingleses após as recomendações do Relatório Taylor em 1990. Entre o campo e esta cerca foi construído um fosso, solução tipicamente brasileira para evitar a invasão de campo pela torcida, estrutura também presente em estádios como o Maracanã, o Mineirão, em Belo Horizonte, e no estádio Couto Pereira, também em Curitiba, somente para citar alguns.



Figura 45: Stade Sclessin, Liège, Bélgica
www.fussballtempel.net



Figura 46: Arena da Baixada, Curitiba, Brasil

A Arena da Baixada aparece, então, como um novo modelo a ser seguido pelos outros clubes brasileiros que porventura venham a construir novas arenas, estádios voltados tanto para o consumo, com suas inúmeras lojas e restaurantes, com seus camarotes exclusivos e executivos, com suas cadeiras especiais voltadas para um público com poderio econômico mais elevado, quanto para o desfrute de uma tarde de futebol. Como alega a diretoria do Atlético, o clube não precisa mais de torcedores, e sim de apreciadores de espetáculo. Neste sentido, os dirigentes atleticanos adotaram medidas como a proibição da

entrada de torcedores portando bandeiras, tambores, faixas ou vestindo camisas de torcidas organizadas. O aumento generalizado dos preços dos ingressos – que podem chegar a R\$50 – é declaradamente uma tentativa de afastar do estádio um setor bem específico da torcida. Nas palavras de seu presidente, “O povão já não vai a lugar nenhum há muito tempo. Quem fez a exclusão social não foi o Atlético. Boa parte dos que reclamam são aqueles que depois de saírem do estádio vão beber e assaltar”.⁴⁹

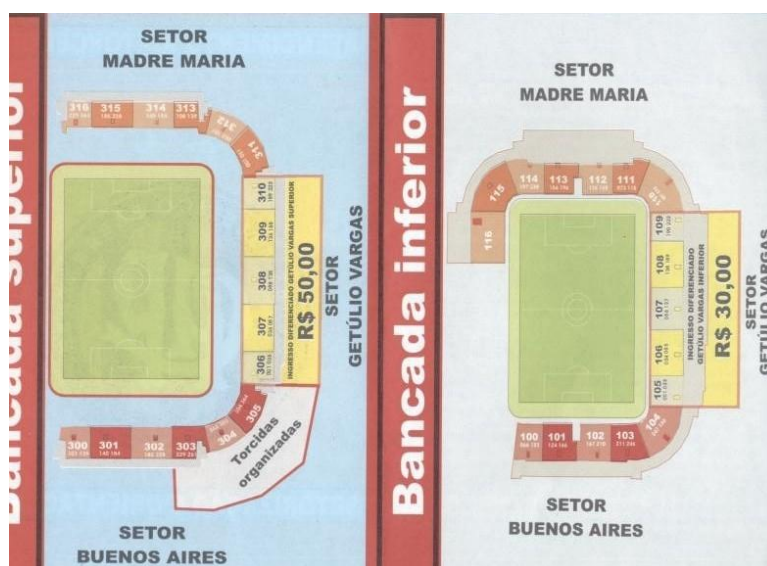


Figura 47: Setorização da Arena da Baixada, com preços

3.2 Novos estádios, novos torcedores

Nestes três estádios visitados, encontramos uma característica comum entre eles, que é a tendência a adotar o sistema de ingressos atrelados a assentos numerados. A implementação de assentos numerados em todos os estádios britânicos foi uma das principais recomendações do Relatório Taylor, e é uma exigência da FIFA para estádios em

⁴⁹ Revista Placar, número 1270, maio de 2004, p.55.

que sejam disputados jogos internacionais. Esta única medida teve efeitos marcantes na forma como os torcedores se distribuem na arquibancada. Como notou Leite Lopes (1998), as arquibancadas do Maracanã possibilitaram o surgimento de uma nova cultura de torcedores, uma vez que não havia separações dentro das arquibancadas, permitindo aos torcedores circular e se agrupar como bem entendessem em qualquer momento do jogo, acontecendo o mesmo em outros estádios em que existissem arquibancadas ou gerais que não fossem totalmente cobertas por cadeiras.

Ora, uma vez que as arquibancadas são cobertas por assentos, impõe-se um limite para a livre associação de torcedores dentro dos estádios. As torcidas organizadas se caracterizam por formar um agrupamento de torcedores que ocupa um espaço específico dentro do estádio. Com a adoção de assentos numerados, não existe mais esta possibilidade, uma vez que a distribuição dos ingressos é aleatória e a quantidade de ingressos vendidos a um único comprador é, em geral, limitada. Como nos mostra Duke, o fenômeno não é exclusivo ao Brasil:

A home terrace with a high proportion of regulars provides a flexible experience of genuine sociability. It remains possible to spend the first half standing in one spot, talking with one group of friends and/or relatives, and the second half in another location with another group. The fixed seat in an all-seater environment restricts this sociability (Duke, 1994, p.132-133).

Sob o argumento da segurança, temos então a transformação dos estádios em lugares onde não é mais possível a aglomeração espontânea das massas, tendo cada torcedor um lugar pré-ordenado. Da Matta (1997) já nos alertou para o horror que as elites e grupos dirigentes têm à organização livre da população em qualquer tipo de sociedade

livre, seja ela um sindicato, uma escola de samba ou uma torcida de futebol. A este artifício de controle da torcida, legislações como o Relatório Taylor, no Reino Unido, e o Estatuto do Torcedor, no Brasil, exigiram também o monitoramento dos torcedores através de câmeras e circuitos fechados de televisão. No Reino Unido, chega-se ao extremo de monitorar os torcedores antes mesmo de estes entrarem nas dependências do estádio, existindo câmeras nas ruas em torno dos estádios e até mesmo nos meios de transporte público utilizados pela torcida. A adoção do sistema de lugares marcados, que impossibilitam a formação de torcidas organizadas nos estádios, e a vigilância onipresente, proporciona às autoridades um dos meios mais eficientes de controle e identificação de torcedores suspeitos, que, associada à legislação específica que vai no sentido de criminalizar as atividades características de qualquer o torcedor, punindo o uso de palavras e gestos considerados ameaçadores e abusivos, contribuiu em muito para o surgimento de platéias pasteurizadas nos jogos de futebol (Brick, 2000, p.163-164), evidenciando o ceticismo das autoridades em relação ao comportamento considerado “civilizado” dos torcedores tradicionais⁵⁰, levando-as a tomar as citadas medidas, de cunho civilizatório e que visam o controle dos corpos dos torcedores, a formação de “corpos dóceis” (Foucault, 2000).

Uma vez que a lógica da segurança é emparelhada à lógica econômica temos conseqüências desastrosas para a tradicional cultura associativa das torcidas. Para além da já notada tendência de se substituir os espaços tradicionais das torcidas por camarotes executivos, verificamos também a própria substituição da torcida por agrupamentos de

⁵⁰ “Today, football’s ‘dark assumption’ (isto é, a criminalização automática dos torcedores) has become a fear about the capacity of individuals to interact and function with civility” (Brick, 2000, p.170”

torcedores formados por agências de turismo e até mesmo empresas que contratam torcedores uniformizados, em geral com seu próprio logotipo, como acontece muitas vezes em competições internacionais como a Copa do Mundo, organizada pela FIFA. Leite Lopes nos dá um interessante relato referente à disputa da Copa do Mundo de 1998, na França, quando verificou a “profissionalização” dos torcedores chamados a participar da encenação do espetáculo desportivo:

... muitos dos brasileiros que circulavam pela França para assistir à Copa vestiam camisas verde-amarelas contendo o nome de uma marca ou de grandes empresas, fossem elas estatais, ou, com mais evidência, multinacionais (Coca-Cola, McDonald's, Panasonic, Cyanamid, Abn-Amro, etc.). Muitas dessas empresas trouxeram funcionários ou clientes, como a Abn-Amro, que trouxe 900 clientes ao todo, 300 por vez, para assistirem, a cada turno de viajantes, dois jogos da seleção (brasileira), permanecendo durante duas semanas com as despesas de viagem e hospedagem pagas. Os clientes, na maioria das vezes funcionários de revendedoras de automóveis financiadas por este banco, foram premiados segundo critérios de eficiência de vendas (Leite Lopes, 1999, p.14).

De fato, parece ser muito difícil para um torcedor comum conseguir comprar um único ingresso sequer para qualquer das partidas disputadas durante a disputa da Copa. A maior parte dos ingressos fica retida com a FIFA e os organizadores, que então os redistribuem segundo seus próprios critérios, em geral para convidados e patrocinadores do evento. Aqueles ingressos que de fato chegam ao mercado, não são disponibilizados diretamente ao torcedor. Por ser uma competição internacional, a Copa do Mundo é disputada por equipes de vários países, sendo necessário então que os ingressos restantes sejam distribuídos aos países competidores. Esta distribuição se dá, porém, através de agências de turismo credenciadas, que os vendem atrelados a pacotes de viagem ao país onde está acontecendo a disputa, aumentando o preço dos ingressos, portanto, pelos custos

da viagem ao país sede (transporte, estadia etc...), sendo virtualmente impossível encontrar um ingresso único, seja no país sede seja nos países participantes, para qualquer uma das partidas disputadas, a não ser que se recorra a cambistas, que usualmente cobram preços super inflacionados por uma única entrada. Ainda segundo Leite Lopes, na Copa de 1998 na França, seus organizadores estipularam que “a aquisição de ingressos pelo público francês seria feita por sorteio, e que os inscritos tinham o direito de adquirir dois ingressos (isto é, levar um amigo). A distribuição do público da casa se fez assim por um método aleatório, evitando-se a formação de grupos previamente organizados para assistir aos jogos” (Leite Lopes, 1999, p.17).



Figura 49: Racecourse Ground, Wrexham, Reino Unido
www.footballgroundz.co.uk/frontpage.htm

Considerações finais

Tentamos mostrar, nesta dissertação, algumas das transformações pelas quais o futebol, de uma forma geral, e mais especificamente no Brasil, está passando, tomando como referência o estádio de futebol, através do qual poderíamos perceber as mudanças em curso.

Desde a “invenção” do futebol em 1863, quando o jogo era disputado em terrenos sem delimitações espaciais e quando o espectador se confundia com os próprios jogadores, até nossos dias, quando a construção de arenas ultramodernas essenciais para o sucesso dos clubes e exigência da FIFA para a realização de competições internacionais, o esporte sofreu consideráveis mudanças em sua organização e forma de jogar.

Sendo o futebol uma instituição tão central, não só no Brasil, mas em tantos outros países do mundo, acreditamos que as ciências ditas sociais deveriam prestar mais atenção para o mundo dos esportes em geral e do futebol em particular, pois estes possuem um valor heurístico inegável para a apreensão do social. Como nos mostraram Norbert Elias e Da Matta, não basta só investigarmos reflexos pontuais da sociedade nas práticas desportivas, mas também atentarmos para o estatuto que o esporte, o futebol, assumiu e assume nas sociedades modernas. As tensões existentes na sociedade brasileira e inglesa, por exemplo, cada qual em sua época, provocaram mudanças significativas no futebol, levando à passagem do sistema amador para o profissionalismo. Da mesma forma, o esporte assumiu significados diferentes para seus praticantes e aficionados neste momento de transição.

Ao analisarmos as mudanças ocorridas em alguns estádios brasileiros, comparando-os com o mesmo processo ocorrido em campos britânicos, intentamos apontar para mudanças mais gerais que estavam, e estão, em curso na sociedade, a saber, a adoção da lógica da economia de mercado como princípio organizador da sociedade. Neste sentido, os clubes de futebol estão a se reestruturar; seus quadros e dirigentes, antes amadores, agora são profissionais contratados, treinados nos moldes da gestão empresarial competente e responsável (Boltanski & Chiapello, 1999). O sucesso comercial e financeiro agora é tão importante e priorizado quanto o sucesso no âmbito esportivo. Sendo assim, os estádios não serão mais pensados a partir daqueles que os freqüentam – a torcida – mas serão construídos ou remodelados a partir das exigências do mercado e do consumidor. Como proclamam os dirigentes atuais, o torcedor tradicional tornou-se uma figura dispensável, pois o que se busca agora são consumidores, que vejam o espetáculo futebolístico como mais um produto a ser adquirido e desfrutado em uma tarde de fim-de-semana passada no moderno shopping-estádio.

A partir da análise de alguns estádios, procuramos situar o estado do futebol brasileiro e seus campos. Comparativamente ao caso britânico, com seus estádios padronizados e sua torcida asséptica, a comercialização do futebol brasileiro e a modernização de seus estádios ainda está em um estágio inicial. Analisando as reformas no Caio Martins, no Maracanã e na Arena da Baixada, percebemos a adoção de algumas medidas adotadas já seguindo os preceitos de mercadorialização do futebol e a elitização da torcida. Apesar disso, o dilema das éticas moderna e tradicional, como apontou Helal, ainda se faz presente nos clubes brasileiros, emperrando a transformação efetiva do futebol brasileiro em mercadoria.

Será interessante verificar, se a Copa do Mundo de 2014 realmente for confirmada para o Brasil qual modelo será adotado para os estádios que serão utilizados na competição, pois a maioria dos campos brasileiros de fato não reúnem as condições necessárias para sediarem uma competição internacional. O caminho mais prático e menos custoso com certeza é a remodelação dos estádios já existentes, correndo-se o risco, porém, de descaracterizá-los totalmente, como ocorreu com o Maracanã e sua reforma no ano de 2000. Por outro lado, não está descartada a possibilidade de demolição de algumas das principais praças futebolísticas do país, para dar lugar a arenas modernas. Se isto ocorrer, poderemos dizer com certeza que o futebol brasileiro entrou no campo dos negócios.

Apêndices

Apêndice 1: Os jogos de folk football da Inglaterra medieval

O jogo de *Hurling*

Whosoever getteth seizure of this ball, findeth himself generally pursued by the adverse party; neither will they leave, til... he had layd flat on Gods deare earth; which fall once received, disableth him from... detaining the ball: hee, therefore, throweth the same... to some one of his felowes, fardest before him, who maketh away withal in like manner...

The Hurlers, take their next way over hilles, dales, hedges, ditches; yea, and thorow bushes, briers, mires, plashes and rivers whatsoever, so as you shall sometimes see 20 or 30 lie tugging together in the water, scrambling and scratching for the ball. A play (verily) both rude and rough, and yet such, as is not destitute of policies, in some sorte resembling the feats of warre:... there are horsemen placed... on either party... and ready to ride away with the ball if they can catch it... But... gallop ony one of them never so fast, yet he shall be surely met at some hedge corner, crosslane, bridge, or deep water, ehich... they know he must needs touch at: and if his good fortune gard him not..., hee is like to pay the price of his theft, with his owne and his horses overthrowe...

The ball in this play may be compared to an infernall spirit: for whosoever catcheth it, fareth strightwayes like a madde man, struggling and fighting with those that goe about to holde him, but he resigneth this fury to the next recyver, and himselfe becometh peaceable as before. I cannot well resolve, whether I should more commend this game, for the manhood and exercise, or condemne it for the boysterousness and harmes which it begetteth: for as... it makes their bodies strong, hard, and nimble, and puts a courage into their hearts, to meete an enemie in the face: so... it is accompanied by many dangers, some of whici do ever fall to the players share. For prooffe whereof, when the hurling is ended, you shall see them retyring home, as from a pitched battaile, which bloody pates, bones broken, and out of joynt, and such bruses as serve to shorten their daies; yet al is good play,

and never Attourney nor Crouner troubled for the matter (extraído de Dunning & Sheard, 1979, p.27).

Hurling to goales

No *hurling to goales* há aproximadamente quinze, vinte ou trinta jogadores de cada lado, envergando apenas as suas peças de vestuário mais leves, de mãos unidas e colocando-se em filas, frente a frente. A seguir dispõem-se aos pares, de braço dado, e assim permanecem: estes pares vigiam-se uns aos outros durante o jogo.

Depois disto, cravam no chão dois arbustos, afastados entre si cerca de oito ou dez pés; e, no lado oposto, à distância de dez ou doze pés, outros dois arbustos separados da mesma forma, os quais designam por as suas metas. Uma destas é determinada à sorte por um lado, ficando a outra para o partido adverso. Para a sua defesa é nomeado um par dos seus melhores defesas de lançamentos; o espaço do meio, entre as duas metas, é o lugar para onde se lança a bola, e quem quer que seja que a consiga agarrar e transportar através da meta do seu adversário alcança a vitória do jogo. Mas aí reside um dos trabalhos de Hércules: porque o que agarra a bola tem à sua espera os seus adversários, que sucessivamente, se lançam sobre ele. Os outros empurram-no, batendo-lhe no peito com os punhos fechados, para o manter afastado; e conservam-no bem preso, sem o mais pequeno vesdtígio de humanidade, gesto que é denominado por *butting*.

Se ele escapa ao primeiro, outro o agarra e logo um terceiro, nunca mais sendo deixado, até ter encontrado (como dizem os franceses) *chaussera son pied*, nem sem tocar o chão com uma das partes do corpo, em luta ou aos gritos, preso, o que é a palavra de rendição. Então tem de lançar a bola (chamada troca) para algum de seus camaradas, que a agarra da mesma maneira e se afasta, tal como anteriormente; e se a sua sorte ou agilidade for tão boa para evitar ou ultrapassar os seus adversários, que o esperam, encontra um ou dois homens libertos na meta, prontos a recebê-lo e a mantê-lo afastado. Por este motivo, é um jogo de

grande desvantagem, ou extraordinariamente acidentado, que derruba muitas metas; não obstante, este aspecto atribui grande reputação àquele que impõe muitas quedas no lançamento, prende a bola por muito tempo e contém o adversário que mais se aproxima da sua meta. Por vezes, uma pessoa escolhida de cada lado dá a bola.

Os lançadores estão sujeitos ao cumprimento de muitas leis, como a de terem de lançar de homem para homem, e não dois sobre um homem de cada vez; que o lançador em oposição à bola não deve bater, nem lançar-se abaixo da cintura; que aquele que possui a bola deve bater apenas no peito dos outros; que não deve passar a bola para um jogador fora de jogo, isto é, não pode lançá-la para nenhum dos seus camaradas que permaneçam próximo da meta, mas só ele mesmo a pode levar. Finalmente, na troa, de bola, se qualquer um do grupo a conseguir apanhar em vôo, ou se o outro for mais rápido, ganha, contudo, para o seulado, da mesma forma que, de imediato, de defensor passa a ser atacante, como o outro, que deixa de ser atacante para ser defensor. À mínima falha a estas leis, os lançadores consideram isso como uma causa justa para irem presos pela orelhas, mas vão presos apenas pelos seus punhos; nem nenhum deles procurava vingar-se por tais males ou ferimentos, mas jogavam outra vez da mesma maneira. Estes jogos de *hurling* são usados, na maioria das vezes, em casamentos, onde, de um modo geral, os convidados efectuam um desafio entre toda a gente (extraído de Elias & Dunning, 1992, p.271-272).

Hurling to the countrie

O *hurling to the countrie* é mais difuso e confuso, limitado assim a algumas destas ordens: dois ou três cavalheiros marcam habitualmente este encontro, determinando que num tal dia feriado hão-de trazer para tal lugar indiferente duas, três ou mais paróquias da parte este ou sul, para lançar contra outras tantas, do oeste ou do norte. Os seus objectivos são, quer as casas desses cavalheiros, ou algumas cidades e aldeias, três ou quatro milhas distantes, que cada lado escolhe a partir da proximidade das suas habitações. Quando se encontram, não existe nem comparação de números, nem correspondência de homens: mas uma bola de

prata é lançada e o grupo que consegue apanha-la e transportá-la pela força, ou ardil, para o local estabelecido ganha a bola e a vitória. Quem quer que tenha acesso a esta bola é geralmente perseguido pelo partido adverso; nem eles o hão-de deixar até (sem qualquer dúvida) ele ficar estendido ao comprido sobre a querida terra de Deus. (extraído de Elias & Dunning, 1992, p.272)

O jogo do *knappan*

... at this playe privatt grudges are revendged, soe that for everye small occasion they fall by the eares, wch beinge but once kindled betweene two, all persons on both sides become parties, soe that sometimes you shall see five or vi hundred naked men, beatinge in a clusture together,... and there parte most be taken eveyeman with his companie, so that you shall see two brothers the one beateinge the other, the man the maister, and frinde against frinde, they nowe alsoe will not sticke to take upp stones and there with in their fists beate their fellows, the horsemen will intrude and ryde into the footmens troupes, the horsemen choseth the gratest cudgel he can gett, and the same of oke, ash, blackthorne or crab-tree and soe huge as it were able to strike downe an oxe or horse, he will alsoe assault anye for privatt grudge, that hath not the *Knappan*, or cudgel him after he hath delt the same from him, and when one blowe is geven, all falleth by the eares, eche assaultinge other with their unreasonable cudgels sparinge neyther head, face, nor anye part of the bodie, the footemen fall close to it, beinge once kindled with furie as they wholely forget the playe, and fall to betinge, till they be out of brathe, and then some number hold their hands upp over their heades and crye,... peace, peace, and often times this parteth them, and to their playe they goe a newe. Neyther maye there be anye looker on at this game, but all must be actours, for soe is the custome and curtesye of the playe, for if one that cometh with a purpose onelye to see the game,... beinge in the midst of the troupe is made a pleyer, by giveinge him a *Bastonado* or two, if he be on a horse, and by lending him a halffe a dozen cuffs if he be on foote, this much maye a stranger have of curtesye, altoughe he expecte noething at their handes (extraído de Dunning & Sheard, 1979, p.28).

Bibliografia

AIDAR, Antonio Carlos K. LEONCINI, Marvio P. OLIVEIRA, João José de (orgs.) A nova gestão do futebol. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BALE, John. Sport, space and the city. London: Routledge, 1993.

_____. "Pour une théorie géographique du football" /n: Les cahiers de L'INSEP No. 25 1999: Football. Jeu et société. Paris: INSEP, 1999.

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Ève. Le nouvel esprit du capitalisme. Mayenne: Gallimard, 1999.

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Program for a sociology of sport. *Sociology of Sport Journal*, 1988, 5, 153-161.

_____. Les jeux olympique. Programme pour une analyse. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 103, juin 1994.

BRICK, C. Taking offence: modern moralities and the perception of the football fan. *Soccer and society* Vol.1 (1). London: Frank Cass, 2000.

BROMBERGER, Christian. Le match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1995.

CRESSWELL, P. & SIMON, E. European football. A fan's handbook. London: The Rough Guides, 1997.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Universo do futebol. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUKE, V. "The drive to modernization and the supermarket imperative: Who needs a new football stadium?" /n: **GIULIANOTTI, R. & WILLIAMS, J.** Game without frontiers. Football, identity and modernity. Aldershot: Arena, 1994.

_____. The sociology of football: a research agenda for the 1990s. London: Routledge, 1991. (p.627-645)

DUNNING, E. & SHEARD, K. Barbarians, gentlemen and players. A sociological study of the development of rugby football. New York: New York University Press, 1979.

- ELIAS, N & DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1992.
- ELIAS, N. O processo civilizador. Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. O processo civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREY, J. H. & EITZEN, D. S. Sport and society. *Annual Review of Sociology*, 17:503-22, 1991.
- GAFFNEY, C. Soccer and the geographic construction of identity. University of Texas, 2000. Dissertação de mestrado.
- _____. The spatial dialectics of the stadium. <https://webpace.utexas.edu/stadium/www/geostadia/Writings/thespatialdialecticsofthestadium.pdf>
- GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GUEDES, Simoni L. O Brasil no campo de futebol. Estudos antropológicos sobre o significado do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- HELAL, Ronaldo. Passes e impasses. Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HORNBY, Nick. Febre de bola. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- HERSCHMAN, Micael & LERNER Kátia. Lance de sorte. O futebol e o jogo do bicho na belle époque caioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- INGLIS, Simon. Football grounds of Great Britain. London: Collins Willow, 1996.
- JAMESON, Fredric. Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2004.

JESUS, Gilmar M. de. “Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro”. *In*: Revista Estudos Históricos Nº 23. Esporte e Lazer, 1999. Rio de Janeiro: FGV, 1999

LEITE LOPES, José Sérgio & Faguer, Jean-Pierre. “Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998” *In*: Revista Estudos Históricos Nº 23. Esporte e Lazer, 1999. Rio de Janeiro: FGV, 1999

LEITE LOPES, José Sérgio. “Le Maracanã cœur du Brésil”. *In*: Sociétés & Représentations. Football & Sociétés, nº 7, 1998. Paris: CREDHESS, 1998.

_____. “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. *In*: BATALHA, Cláudio H. M. Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. Esporte, emoção e conflito social. Mana vol.1 número1. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

MALHANO, Clara E. S. M. B. & MALHANO, Hamilton B. Memória social dos esportes. São Januário – Arquitetura e História. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

MANHÃES, Eduardo D. Política de esportes no Brasil. 2ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MOURA, Gisella de A. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MURAD, Maurício. Dos pés à cabeça. Elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NAPOLEÃO, Antonio C. Botafogo de Futebol e Regatas. História, conquistas e glórias no futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

NEGREIROS, Plínio José de C. A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998. (Tese de doutorado).

PEREIRA, Leonardo A. Footbalmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRONI, Marcel W. “Reflexões sobre o futebol empresa no Brasil” *In*: COSTA, Márcia Regina da. Futebol, espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1999.

SIR NORMAN CHESTER CENTRE FOR FOOTBALL RESEARCH. Football stadia after Taylor. Leicester: University of Leicester, 2002.

SIR NORMAN CHESTER CENTRE FOR FOOTBALL RESEARCH. The "new" football economics. Leicester: University of Leicester, 2002b.

SIR NORMAN CHESTER CENTRE FOR FOOTBALL RESEARCH. British football on television. Leicester: University of Leicester, 2002c.

TEIXEIRA, Rosana da C. Os perigos da paixão. Visitando torcidas jovens cariocas. São Paulo: Anna Blume, 2004.

TOLEDO, Luiz H. de. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.

_____. "Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)". *In*: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, nº 52, 2001. São Paulo: EDUSC, 2001.

WALVIN, James. The people's game. London: Mainstream, 1994.

WASHINGTON, R.E. & KAREN, D. Sport and society. *Annu. Rev. Sociol.*, 2001, 27:187-212.

Sítios da visitados na internet

<http://www.atleticopr.com.br>

<http://www.le.ac.uk/snccfr/>

<http://www.fussballtempel.net>

<http://www.slbenfica.pt/>

<http://www.footballgroundz.co.uk/frontpage.htm>

<http://www.wembleystadium.com/>

<http://fulham.rivals.net/default.asp?sid=906>